

Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Mestrado em Psicologia Clínica  
Linha de Pesquisa – Estados Psicopatológicos e Abordagens Psicoterápicas

**João Rodrigo Zancanaro**

**Fatores associados a traços psicopáticos em presidiários homicidas**

Orientadora:  
Prof. Dra. Fernanda Barcellos Serralta

São Leopoldo, dezembro de 2016

**JOÃO RODRIGO ZANCANARO**

**Fatores associados a traços psicopáticos em presidiários homicidas**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora:

Prof. Dra. Fernanda Barcellos Serralta

São Leopoldo, dezembro de 2016

Z27f

Zancanaro, João Rodrigo

Fatores associados a traços psicopáticos em presidiários homicidas/ por João Rodrigo Zancanaro – 2016.

68 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Psicologia, São Leopoldo, RS, 2016.

“Orientação: Dra. Fernanda Barcellos Serralta.”

1. Psicopatia. 2. Personalidade. 3. Apego. 4. Trauma. 5. Abuso.  
6. Vínculos familiares. 7. Homicídio. 8. Latrocínio. I. Título.

CDU: 159.972

Catálogo na Publicação:  
Bibliotecário Alessandro Dietrich - CRB 10/2338

## **Agradecimentos**

Ao finalizar este trabalho, gostaria de agradecer àqueles que fizeram parte do meu percurso e que contribuíram de maneiras muito especiais para que eu realizasse este desejo.

Agradeço à minha mãe, Ortenila Gasperin Zancanaro, por seu amor e apoio incondicional que a fez, muitas vezes, abrir mão de seus próprios sonhos para que eu pudesse realizar os meus.

À minha irmã, Ângela Maria Zancanaro, pelo carinho e disponibilidade para me auxiliar nas horas mais difíceis.

Às minhas colegas de mestrado, Bruna Mainardi Rosso Borba, Rochele Möller e Tatiane Denise Turcato, que se tornaram grandes amigas ao longo da caminhada, por tantos sentimentos e ideias compartilhados.

À minha orientadora, Fernanda Barcellos Serralta, por ter me conduzido neste processo com muita competência, acreditando no meu potencial para desenvolver este trabalho e dando suporte para que este pudesse ser realizado.

## SUMÁRIO

Lista de Tabelas.....	5
Lista de Siglas .....	6
Resumo .....	9
Abstract.....	9
Apresentação .....	11
Seção 1: Artigo Empírico .....	13
Características que diferenciam homicidas psicopatas e não psicopatas .....	13
Resumo .....	13
Abstract.....	13
Método .....	16
Amostra.....	16
Instrumentos .....	16
Ficha de dados sociodemográficos e do histórico prisional.....	16
Escala Hare de Psicopatia/ Escala Hare (Hare Psychopathy Checklist-Revised – PCL-R; Hare, 1991; 2003).....	17
Instrumento sobre o vínculo parental / Parental Bonding Instrument (PBI; Parker, Tupling, & Brown, 1979).....	18
Questionário Sobre Traumas na Infância (QUESI)/ Childhood Trauma Questionnaire (CTQ) (Bernstein, Ahluvalia, Pogge & Hendelsman, 1997).....	18
Procedimentos para a coleta de dados .....	19
Procedimentos éticos .....	19
Resultados .....	20
Discussão .....	29
Considerações Finais.....	34
Referências.....	35
Seção 2: Artigo empírico .....	43
Traços psicopáticos, experiências traumáticas e de vinculação infantil em presidiários homicidas .....	43

	4
Resumo .....	43
Abstract.....	43
Método .....	48
Amostra.....	48
Instrumento .....	48
Ficha de Dados Sociodemográficos e do Histórico Prisional .....	48
Escala Hare de Psicopatia/ Escala Hare (Hare Psychopathy Checklist-Revised – PCL-R; Hare, 1991; 2003).....	49
Instrumento sobre o Vínculo Parental / Parental Bonding Instrument (PBI; Parker, Tupling, & Brown, 1979) .....	49
Questionário Sobre Traumas na Infância (QUESI)/ Childhood Trauma Questionnaire (CTQ), (Bernstein, Ahluvalia, Pogge, & Hendelsman, 1997)...	50
Procedimentos para a Coleta de Dados .....	51
Procedimentos Éticos.....	51
Resultados .....	52
Medidas Descritivas.....	52
Relações entre traços de psicopatia, vinculação parental e trauma na infância	56
Discussão .....	57
Considerações Finais.....	60
Referências .....	61
Considerações Finais.....	68

## Lista de Tabelas

### Seção 1

Tabela 1 - Características sócio, demográficas e familiares, segundo a classificação PCL-R.	21
Tabela 2 - Caracterização para crimes e penalidades, segundo a classificação PCL-R .....	23
Tabela 3 - Características laborais e uso de drogas, segundo a classificação PCL-R.....	25
Tabela 4 - Caracterização dos pais, profissão e uso de drogas, segundo a classificação PCL-R .....	27
Tabela 5 - Média e desvio padrão dos instrumentos PBI e CTQ segundo a classificação PCL- R .....	29

### Seção 2

Tabela 1 - Distribuição absoluta e relativa para o crime, faixa etária e escolaridade; e medidas de tendência central e de variabilidade para a idade .....	53
Tabela 2 - Medidas de tendência central e de variabilidade os instrumentos PCLR, PBI e CTQ .....	54
Tabela 3 - Média e desvio padrão do PCL-R, segundo as classificações para escolaridade e estado civil.....	55
Tabela 4 - Média e desvio padrão para os instrumentos PCL-R, PBI e CTQ segundo as classificações para crime .....	56
Tabela 5 - Análise de correlação de Pearson entre PCL-R e os instrumentos PBI e CTQ.....	57

## **Lista de Siglas**

**CTQ** – Childhood Trauma Questionnaire

**DSM-III** – Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais

**FASE** – Fundação de Atendimento Socioeducativo

**FEBEM** - Fundação Estadual para o Bem-estar do Menor

**LAEPSI** - Laboratório de Estudos em Psicoterapia e Psicopatologia

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**PBI** – Parental Bonding Instrument

**PCL-R** – Hare Psychopathy Checklist-Revised

**PCL-R Alto** – Psicopatas

**PCL-R Baixo** – Não Psicopatas

**QUESI** – Questionário Sobre Traumas na Infância (Childhood Trauma Questionnaire)

**SINESP** – Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública

**SPSS** – Statistical Package for the Social Sciences

**SUSEPE** – Superintendência dos Serviços Penitenciários

**TCLE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**TPAS** – Transtorno de Personalidade Antissocial

**UNISINOS** - Universidade do Vale do Rio dos Sinos



## **Fatores associados a traços psicopáticos em presidiários homicidas**

### **Resumo**

O crime de homicídio vem crescendo em todo o mundo e conhecer os fatores a ele associados é fundamental para sua prevenção. A psicopatia é uma perturbação da personalidade que pode trazer consigo dimensões psicológicas e sociais graves, podendo predispor a condutas criminosas e violentas, entre estas, o homicídio. O objetivo deste estudo foi investigar traços de psicopatia em homicidas apenados em regime fechado no presídio de Passo Fundo – RS e examinar fatores associados. A dissertação está organizada em dois artigos empíricos. O primeiro fez uso do método descritivo e exploratório, buscando conhecer o perfil sociodemográfico, criminal e de história de vinculação e trauma na infância de presidiários que cometeram crime contra a vida, comparando psicopatas e não psicopatas. O segundo abordou a relação entre experiências traumáticas e de vinculação infantis e a intensidade de traços psicopáticos nesta mesma população. Em ambos os estudos, a amostra constitui-se de 27 presidiários homicidas. Os dados foram coletados por meio de um questionário sociodemográfico e de histórico prisional, da Hare Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R), do Instrumento sobre o Vínculo Parental (PBI) e do Questionário Sobre Traumas na Infância (QUESI). Os dados foram analisados quantitativamente através de estatística descritiva, correlacional e de comparação entre médias e proporções. De modo geral, os resultados apontam para uma elevada proporção de psicopatas entre os apenados investigados e indicam a relação entre psicopatia e estilo parental da mãe na infância, em especial o controle materno. Embora o tamanho da amostra tenha dificultado as análises comparativas de perfil, o estudo indica algumas possíveis associações entre variáveis sociodemográficas e familiares que merece ser melhor investigada em estudos futuros.

**Palavras chave:** Psicopatia; apego; trauma; abuso; vínculos familiares; homicídio; latrocínio.

## **Factors associated to psychopathic traits in convicted murders**

### **Abstract**

The crime of homicide has been growing all over the world, and to identify the reasons associated to it is fundamental to its prevention. The psychopathy is a personality disturbance which might bring serious psychological and social dimensions, maybe leading to a criminal and violent behavior, maybe, the homicide. The goal of this study was to investigate psychopathic traits in convict murders (now in closed conditions) at the pen of Passo Fundo and to examine the associated factors. The essay is organized in two empirical studies. The first one is based on a descriptive and exploratory method, in order to know the criminal, social and demographic profile and the history and its links to trauma in the childhood of the prisoners who have committed crime against life, comparing psychopaths and no psychopaths. The second one, is about the relation between childhood traumatic experiences and psychopathic traits of these prisoners. In both studies, the sample is 27 convicted murders. The data were collected using a social and demographic questionnaire; the prisoners' reports; the Hare Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R); the Parental Bonding Instrument (PBI)

and the Childhood Trauma Questionnaire (QUEST). The data were analyzed, in numbers, through a descriptive, transversal and correlative statistic and comparing averages and proportions. In a general view, the results show a great number of psychopaths among the interviewed and show, also, the relation between psychopathy and mother's parental way in the childhood, mainly the maternal control. Although the sample size has made difficult the profile comparative analyses, the study shows some possible associations among social demographic variables and relatives which need a better investigation in the future.

**Keywords:** psychopathy, trauma, social demographic, parental bonding, homicide

## **Apresentação**

A dissertação de mestrado que ora se apresenta foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, inserindo-se na linha de pesquisa “Estados Psicopatológicos e Abordagens Psicoterápicas”. A pesquisa, intitulada “Fatores associados a traços psicopáticos em presidiários homicidas” teve por objetivo geral investigar os fatores associados a traços de psicopatia em homicidas apenados em regime fechado no presídio de Passo Fundo – RS.

A escolha desta temática decorreu do desejo inicial de estudar aspectos relacionados com a metapsicologia de estruturação do superego. Entretanto, como este programa possui ênfase na clínica aplicada, não seria possível um estudo teórico. E, além disso, considerando a dificuldade de operacionalização deste constructo, o interesse voltou-se para o estudo de indivíduos nos quais, à luz da teoria psicanalítica, se entende que houve falhas importantes na constituição do superego e, conseqüentemente, desvios graves da conduta social e moral. Dessa forma, o foco da investigação voltou-se para a psicopatia e para a investigação da sua associação com experiências infantis, em particular com as experiências de trauma/abuso e de vinculação com os pais com traços desta psicopatologia em presidiários. Em contato com a literatura sobre o desenvolvimento e as características psicológicas de indivíduos que cometeram crimes contra a vida, surgiu ainda o interesse de investigar os diferentes fatores que poderiam diferenciar homicidas psicopatas e não psicopatas. Compreender melhor os fatores sociodemográficos, as experiências precoces e as características de personalidade de criminosos pode ajudar no a entender os determinantes psicológicos da violência. Esta dissertação visa, assim, produzir conhecimentos que podem contribuir para a adoção de intervenções mais eficazes para prevenir a violência, bem como diminuir situações de risco a ela associadas.

Os resultados deste estudo foram organizados em duas seções, cada qual composta por um artigo empírico. Na primeira seção, cujo título é “Características que diferenciam homicidas psicopatas e não psicopatas”, buscou-se identificar a proporção de psicopatas em uma amostra de presidiários homicidas. E, nesse grupo, comparar o perfil sociodemográfico e as variáveis da história pregressa (vinculação parental e traumas na infância) que distinguem homicidas psicopatas e não psicopatas.

Na segunda seção, intitulada “Traços psicopáticos, experiências traumáticas e de vinculação infantil em presidiários homicidas”, o foco foi identificar as características psicopáticas e avaliar sua relação com vínculos parentais e com abuso/trauma na infância dos homicidas.

## **Seção 1: Artigo Empírico**

### **Características que diferenciam homicidas psicopatas e não psicopatas**

#### **Resumo**

Este estudo buscou identificar a proporção de psicopatas e não psicopatas em uma amostra de presidiários homicidas em regime fechado na cidade de Passo Fundo – RS, bem como comparar o perfil sociodemográfico e as variáveis da história pregressa (vinculação parental e traumas na infância) que os distinguem. A amostra constituiu-se de 27 presidiários homicidas. Os dados foram coletados por meio de um questionário sociodemográfico e de histórico prisional, da Hare Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R), do Instrumento sobre o Vínculo Parental (PBI) e do Questionário Sobre Traumas Na Infância (QUESI). Aproximadamente 1/3 dos homicidas avaliados foram classificados como psicopatas. Os achados sugerem que alguns dados sociodemográficos diferenciam os dois grupos e que psicopatas possuem história de maior controle da mãe, juntamente com negligências físicas e emocionais, relacionadas com múltiplos traumas na infância e com maior frequência de situações adversas. Sugerem-se mais estudos sobre os fatores associados à psicopatia em criminosos para conhecer os determinantes individuais da violência e contribuir para sua prevenção.

**Palavras chave:** psicopatia, personalidade, sociodemográfico, apego, trauma, abuso, vínculos parentais.

#### **Characteristics which make difference between psychopaths and no psychopaths**

#### **Abstract**

This study tried to identify the proportion of psychopaths and no psychopaths in a sample of the convicted homicides in closed conditions at the pen of Passo Fundo – RS, as well as to compare the social demographic profile and the past history variables (parental bonding and childish traumas) which make difference between homicide psychopaths and no psychopaths. The sample consisted in 27 convicted murders. The data were collected using a social demographic questionnaire; the prisoners' reports; the Hare Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R); the Parental Bonding Instrument (PBI) and the Childhood Trauma Questionnaire (QUESI). Nearly 1/3 of the evaluated homicides were classified as psychopaths. The results suggest that some social demographic data make difference between the two groups and that the psychopaths have a history with a mother's more control, as well as physical and

emotional negligence, all of these related to various childhood traumas and a major frequency of adverse situations. It is suggested more studies about psychopathic associated factors in delinquents in order to know the individual violence determinants and to contribute to their prevention.

**Keywords:** psychopathy, profile, social demographic, trauma, parental bonding

No Brasil, em 2014, pelo menos 59.627 pessoas foram assassinadas. O maior número de homicídios já registrado entre 2008 a 2011 foi de 50 a 53 mil mortes (Atlas da Violência 2016). Diante de tal realidade, é necessário conhecer os diferentes fatores que podem estar associados ao comportamento criminal homicida.

Embora nem todo criminoso apresente perturbações psicopatológicas, a literatura indica que diferentes transtornos mentais estão relacionados com condutas violentas criminosas (Ogloff, Talevski, Lemphers, Wood, & Simmons, 2015). Entre esses transtornos, está a psicopatia, um tipo de transtorno antissocial da personalidade no qual o indivíduo, apesar de mostrar integridade das funções psíquicas e mentais, pode apresentar conduta social patologicamente alterada (Hare, 1996).

Desde o século XIX o termo psicopatia tem sido utilizado na psiquiatria com diferentes acepções, tendo evoluído desde a noção de uma perturbação psíquica genérica (Nunes, 2011) até a atual concepção de Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) (Soeiro & Gonçalves, 2010). Segundo Hare (1996), com a publicação do DSM-III, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o termo psicopatia foi renomeado para TPAS. No entanto, os dois termos não são exatamente sinônimos. A psicopatia caracteriza-se por uma série de traços psicológicos e comportamentos que a sociedade tende a desvalorizar, tais como mentira, sedução, impulsividade, promiscuidade e manipulação (Hare, 1999). Sua característica inconfundível e única é “a falta de emoções, da capacidade de se colocar no

lugar de outra pessoa para, pelo menos, imaginar seu sofrimento” (Hare, 1973, p.8). Assim, o psicopata pode chegar a relacionar-se social ou intelectualmente, porém sempre vendo as pessoas como objetos. A psicopatia apresenta como característica definidora de psicopatia a vontade de cometer intencionalmente transgressões morais contra os outros, sem sentir culpa ou remorso (Harenski, Harenski & Shane, 2010), constituindo um transtorno de personalidade, geralmente associado a comportamentos imorais (Tassy, Deruelle, Mancini, Leistedt, & Wicker, 2013). Nas relações interpessoais, o psicopata tira muito mais do que dá. Ao tratar os demais como objetos e buscar autogratificação ilimitada, tende a provocar sofrimento e a agir fora da lei (Hare, 1999).

Segundo Hare (1996), na década de 80, na definição de TPAS, os critérios diagnósticos de psicopatia sofreram alterações para incluir persistentes violações das normas sociais, como mentir, roubar, evadir-se da escola, comportar-se de forma inconsistente no trabalho e violar normas de trânsito. A ênfase nos comportamentos em detrimento da ênfase nos traços psicopatológicos (mais difíceis de avaliar) aumentou a confiabilidade do diagnóstico, porém diminuiu a sua validade.

Estudos sobre psicopatia e homicídio mostram que homicidas não psicopatas tendem a planejar suas ações (violência instrumental), enquanto os não psicopatas mais frequentemente cometem violência reativa (Cornell et al., 1996; Porter & Woodworth, 2007). Entre perpetradores de violência doméstica, um estudo constatou que os psicopatas (em comparação com não psicopatas) tinham menos propensão ao suicídio e tendiam a cometer homicídios de modo menos passional e mais articulado e violento (Juodis, Starzomski, Porter, & Woodworth, 2014). Estudo de revisão indica que psicopatas são mais propensos à recidiva criminal violenta. Utilizando a Escala Hare de Psicopatia (o PCL\_R, Hare, 2003), os estudos indicam que o fator 2 é o preditor mais consistente de recidiva criminal (Dhingra & Boduszek

2013). Esse fator envolve aspectos comportamentais da psicopatia, indicando o psicopata como uma pessoa impulsiva e irresponsável, com necessidade de excitação (Hare, 2013).

O objetivo deste estudo é identificar a proporção de psicopatas em uma amostra de presidiários homicidas em regime fechado na cidade de Passo Fundo - RS, bem como comparar o perfil sociodemográfico e as variáveis da história pregressa (vinculação parental e traumas na infância) que os distinguem.

## **Método**

Neste estudo, utilizou-se o método descritivo exploratório, de caráter quantitativo e transversal (Gil, 2008; Selltiz, Wrightsman & Cook, 1987; Contandriopoulos, Champagne, Pontvin, Denis & Boyle, 1994).

### **Amostra**

A presente pesquisa foi realizada com uma amostra de conveniência. Foram convidados a participar 30 indivíduos condenados por homicídio ou latrocínio. Adotou-se como critério de inclusão homens, com idade de 18 a 60 anos, cumprindo pena em regime fechado no presídio regional de Passo Fundo.

### **Instrumentos**

#### **Ficha de dados sociodemográficos e do histórico prisional**

Foi elaborada uma ficha de dados com 50 (cinquenta) questões, indagando sobre dados sociodemográficos e histórico criminal. A ficha contém perguntas objetivas sobre múltiplas variáveis. Dentre elas, encontram-se idade, escolaridade, local de nascimento,



número de irmãos e filhos, etnia, relacionamentos, renda familiar, relação de emprego do apenado e dos familiares, se trabalha no presídio, uso ou abuso de drogas do presidiário e dos familiares, se passou por tratamento ou internação psiquiátrica e se usa medicações. Insere, ainda, informações sobre situação jurídico-penal e comportamental do apenado, como tipo de delito, pena, tempo já cumprido da pena, situação prisional de familiares, crimes cometidos, tempo da pena, tempo cumprido da pena, prisões anteriores, crimes dentro do presídio, ações disciplinares no presídio, fugas e tentativas, internações na FEBEM/FASE.

**Escala Hare de Psicopatia/ Escala Hare (Hare Psychopathy Checklist-Revised – PCL-R; Hare, 1991; 2003)**

Criado por Hare (2003), para verificar a psicopatia, o PCL-R mensura características afetivas, interpessoais e comportamentais dos sujeitos da pesquisa, em uma pontuação ordinal de três pontos (0 = característica ausente; 1 = parcialmente presente; 2 = característica definitivamente presente) com 20 itens selecionados em dois fatores. O fator 1 verifica os aspectos afetivos e interpessoais, enquanto o fator 2 identifica os aspectos predominantes quanto ao comportamento e que dizem respeito a condutas desviantes. A escala segue uma pontuação de acordo com o manual do instrumento, sendo realizada por avaliador que deve ser treinado em seguida à entrevista semiestruturada e acesso às informações da ficha prisional dos sujeitos. O treinamento é efetivado por psicólogos ou psiquiatras que tenham conhecimento sobre o PCL-R. No texto original, sugere-se um ponto de corte de 30 pontos para a probabilidade de diagnóstico de psicopatia em adultos (Hare, 2003). Estudos de Morana et al. (2005) validaram a versão em Português do Brasil do PCL-R para estabelecer a diferença de indivíduos que podem ser identificados como psicopatas e não-psicopatas. Os resultados deste estudo mostram que o ponto de corte na população carcerária brasileira é de

23 pontos, indicando sensibilidade de 84,8% e especificidade de 100%. O índice encontrado de concordância *kappa* entre a prova de Roscharch e a PCL-R marcou 0,8735.

**Instrumento sobre o vínculo parental / Parental Bonding Instrument (PBI; Parker, Tupling, & Brown, 1979)**

Como instrumento de autorrelato, o PBI apresenta 25 perguntas do tipo Likert (variação entre 0 e 3) quanto ao pai e à mãe, cujo sujeito é questionado sobre o quanto seu comportamento pode ser parecido com o comportamento dos seus pais até os seus 16 anos. Na sua mensuração, o PBI observa o afeto e controle ou a proteção (Parker, Tupling, & Brown, 1979). A versão em português do Brasil do PBI teve sua elaboração efetivada por Hauck, Schestatsky, Terra, Knijnik, Sanchez e Ceitlin (2006), apresentando equivalência conceitual, semântica, funcional e operacional ao instrumento original. Em seus vários estudos, esses autores pontuam que o PBI é uma medida robusta, na sua forma psicométrica e estável no decorrer do tempo, com construções que se firmam em muitas versões para outras línguas já efetivadas e validadas.

**Questionário Sobre Traumas na Infância (QUESI)/ Childhood Trauma Questionnaire (CTQ) (Bernstein, Ahluvalia, Pogge & Hendelsman, 1997)**

Composto por 28 questões, o QUESI verifica a ocorrência de experiências traumáticas (abusos e negligências) no período da infância e adolescência. Dessas questões, cinco tratam da avaliação do abuso emocional (AE); cinco, do abuso físico (AF); cinco, do abuso sexual (AS); cinco, da negligência emocional (NE); cinco, da negligência física (NE), e três dizem respeito à escala de controle de confiabilidade das respostas. As questões, que são do tipo Likert de cinco pontos, fazem estudos de validade e de confiabilidade para atestar as

propriedades psicométricas do instrumento original. Elaborado por Grazzi-Oliveira, Stein e Pezzi (2006), o texto em português indicou confiabilidade de 0,87.

### **Procedimentos para a coleta de dados**

Os participantes deste estudo são apenados do Presídio Regional de Passo Fundo - RS e foram selecionados por conveniência, com os dados colhidos de forma individual e todos os procedimentos explicados para obter o consentimento voluntário para a participação da pesquisa. Os sujeitos que concordaram em fazer parte do estudo responderam à entrevista do PCL-R, que foi seguida da aplicação do instrumento para verificação de experiências traumáticas na infância (QUESI), do vínculo parental (PBI) e questionário sociodemográfico. A aplicação foi realizada oralmente, em razão da baixa escolaridade e falta de compreensão dos itens dos instrumentos pelos sujeitos. Em média, o tempo de aplicação de todos os instrumentos foi de 130 minutos por participante, havendo, ainda, a entrevista codificada de acordo com o manual da PCL-R. A ficha sociodemográfica e de histórico prisional foi preenchida a partir de dados encontrados nos arquivos institucionais com informações sobre os apenados.

### **Procedimentos éticos**

O projeto, número CEP 15/256, teve sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Todos os sujeitos acordaram em participar de forma voluntária do estudo, com a garantia de sigilo e anonimato, além da liberdade de optar pela interrupção de participar em qualquer etapa da pesquisa.

### **Procedimentos de análise de dados**

A apresentação dos resultados ocorreu pela estatística descritiva – distribuição absoluta e relativa (n - %), bem como pelas medidas de tendência central e de variabilidade, com estudo da distribuição de dados pelo teste de *Shapiro Wilk*. A comparação das variáveis contínuas entre dois grupos independentes ocorreu pelo teste t-Student e quando a comparação ocorreu sobre as variáveis categóricas foi utilizado o teste exato de Fisher (simulação de Monte Carlo). Os dados foram analisados no programa *Statistical Package for Social Sciences* versão 20.0 (SPSS Inc., Chicago, IL, USA, 2008) para Windows, sendo que para critérios de decisão estatística adotou-se o nível de significância de 5%.

## **Resultados**

A amostra foi constituída por 27 apenados, sendo 14 (51,9%) que cumpriam pena por crime de homicídio e 13 (48,1%), por crime de latrocínio. A idade variou entre 21 e 63 anos, com média de 32,2 anos (DP=10,3). A maioria dos presidiários participantes do estudo era branca (55, 6%), casada (51,9%), com ensino fundamental completo (37,03%) e era natural da cidade de Passo Fundo (73,7%). Dos participantes, somente 1 (3,7%) referiu tratamento psiquiátrico no passado, com internação psiquiátrica e uso de medicação antipsicótica.

Considerando a amostra global, o escore total médio de psicopatia, conforme o PCL-R, foi de 18,6 pontos (DP=6,0). Com base neste escore, foram identificados 8 homicidas com PCL-R acima do ponto de corte brasileiro para psicopatia (Morana, 2005), o que constitui 29,63% dos criminosos avaliados.

A seguir, os grupos com PCL\_R alto (psicopatas) e baixo (não-psicopatas) foram então comparados em termos das características sociodemográficas e familiares, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1  
*Características sociodemográficas e familiares, segundo a classificação PCL-R*

Variáveis	PCL-R				P
	Baixo (n=19)		Alto (n=8)		
	N	%	N	%	
<b>Idade (anos)</b>					
Média±Desvio padrão		33,3±11,4		29,6±7,5	0,408†
<b>Escolaridade</b>					
Ensino fundamental incompleto	6	31,57	4	50,0	0,677§
Ensino fundamental completo	6	31,57	2	25,0	
Ensino médio incompleto	4	21,1	2	25,0	
Ensino médio completo	2	10,5			
Ensino superior incompleto	1	5,3			
<b>Etnia</b>					0,883§
Negra	2	10,5	1	12,5	
Branca	10	52,6	5	62,5	
Parda	7	36,8	2	25,0	
<b>Relacionamento atual:</b>					0,420§
Casado	11	57,9	3	37,5	
Solteiro	8	42,1	5	62,5	
<b>Número de vezes que foi casado ou morou junto</b>					0,097§
Nunca casou	1	5,3			
Uma vez	3	15,8			
Duas vezes	11	57,9	3	37,5	
Três vezes ou mais	4	21,0	5	62,5	
<b>Número de filhos</b>					
Não tem filhos	5	26,3	1	12,5	0,202§
Um	6	31,6	4	50,0	
Dois a três	8	42,1	3	37,5	
<b>Era responsável pelo cuidado dos filhos</b>					
Não	14	100,0	6	85,7	0,788§
Sim			1	14,3	0,011§
<b>Antes da prisão morava</b>					
Sozinho	7	36,8	3	37,5	
Com amigos	5	26,3			
Com companheira (o)	7	36,8	5	62,5	
<b>Número de pessoas na mesma casa</b>					0,028§
Uma	7	36,8	3	37,5	
De duas a três	5	26,4	5	62,5	
Quatro ou mais	7	36,8			
<b>Renda familiar</b>					
De 301 reais até um salário mínimo (880,00 reais)	6	31,6	1	12,5	0,035§
De 880 a 1.000 reais	6	31,6	5	62,5	
De 1.000 a 1.500 reais	7	36,8	2	25,0	
<b>Prisão de familiar– NR=1 (3,7%)</b>					0,822
Não	9	50,0	3	37,5	
Sim	9	50,0	5	62,5	

§: Teste Exato de Fisher (Simulação de Monte Carlo);

†Teste t-Student para grupos independentes

Na caracterização da amostra, observou-se que os homicidas psicopatas e não psicopatas se diferenciam em termos de renda familiar e que os psicopatas possuem renda superior aos não psicopatas ( $p = 0,035$ ). Antes da prisão, a maioria dos psicopatas vivia com companheira(o), enquanto que os não psicopatas viviam sozinhos ou com amigos ( $p = 0,011$ ). Outra diferença significativa observada foi que psicopatas tendiam a ter menos pessoas vivendo na mesma casa do que os não psicopatas ( $p = 0,028$ ). E foi detectada, ainda, uma tendência de os psicopatas terem história de mais casamentos do que o outro grupo, embora essa diferença não atinja nível de significância ( $p = 0,097$ ). Nas demais variáveis analisadas, os grupos foram equivalentes.

Tabela 2  
 Caracterização para crimes e penalidades, segundo a classificação PCL-R

Variáveis	PCL-R				p§
	Baixo (n=19)		Alto (n=8)		
	N	%	N	%	
<b>Crime-base da prisão atual</b>					
Homicídio	10	52,6	4	50,0	>0,999
Latrocínio	9	47,4	4	50,0	
<b>Prisão anterior</b>					0,462
Não	8	42,1	4	50,0	
Sim (por uma vez)	11	57,9	4	50,0	
<b>Qual delito</b>					---
Assalto	1	10,0	2	50,0	
Briga	1	10,0			
Estelionato	2	20,0			
Furto	1	10,0			
Maria da penha			1	25,0	
Tentativa de homicídio	1	10,0			
Tráfico	4	40,0	1	25,0	
<b>Cometeu crime no presídio</b>					0,711
Não	18	94,7	7	87,5	
Sim (briga)	1	5,3	1	12,5	
<b>Sofreu ação disciplinar no presídio</b>					0,822
Não	16	84,2	6	75,0	
Sim	3	15,8	2	25,0	
<b>Qual motivo da ação disciplinar</b>					---
Desrespeito			1	50,0	
Provocação	1	33,3			
Tentativa de fuga	2	66,7	1	50,0	
<b>Realizou alguma fuga – Não</b>	19	100,0	8	100,0	---
<b>Tentativa fuga</b>					>0,999
Não	17	89,5	7	87,5	
Sim (uma vez)	2	10,5	1	12,5	
<b>Esteve FEBEM/FASE</b>					---
Não	18	94,7	8	100,0	
Sim	1	5,3			

§: Teste Exato de Fisher (Simulação de Monte Carlo)

Conforme dados da Tabela 2, o tipo de crime não diferiu entre os dois grupos ( $p > 0,999$ ). A ocorrência de prisão anterior foi confirmada por 57,9% dos não psicopatas e por 50,0% dos psicopatas ( $p = 0,462$ ). Em todas as situações a prisão anterior ocorreu por uma vez. No que se refere ao tipo de delito na prisão anterior, no grupo com PCL-R Baixo (não

psicopata) a maior frequência foi o tráfico (40,0%), enquanto que entre aqueles com PCL-R Alto (psicopatas) a maior frequência foi para assalto, registrando-se dois casos (50%).

Em relação ao cometimento de crimes no presídio, foram observados apenas dois casos, um em cada classificação do PCL-R. E em relação a ter sofrido ação disciplinar, 15,8% dos não psicopatas e 25% dos psicopatas relataram que sim. Vale salientar que a ação disciplinar foi devido a provocações (briga) e tentativa de fuga.

Quando questionados sobre se estiveram na FEBEM/FASE, observou-se um caso (3,7%) pertencente ao grupo não psicopata. Ele referiu ter ingressado na instituição com 16 anos, onde permaneceu por 2 anos, devido a assalto a mão armada. Ainda sobre esse caso, não houve fuga ou tentativa de fuga da FEBEM/FASE, bem como não sofreu ação disciplinar.

O grupo de psicopatas e não psicopatas foi também comparado com relação a variáveis laborais e ao uso de substâncias químicas. Os resultados estão dispostos na Tabela 3.



Tabela 3  
*Características laborais e uso de drogas, segundo a classificação PCL-R*

Variáveis	PCL-R				p
	Baixo (n=19)		Alto (n=8)		
	N	%	N	%	
<b>Trabalho remunerado nos 12 meses antes da prisão</b>					---
Auxiliar construção civil	1	5,3			
Bico	4	21,1	3	37,5	
Carpinteiro e Marceneiro	2	10,5	1	12,5	
Chapeador	1	5,3	1	12,5	
Coletor	1	5,3			
Garçom	1	5,3			
Lavador de carros	2	10,5			
Montador industrial	1	5,3			
Motorista			1	12,5	
Pintor e eletricitista	2	10,5	2	25,0	
Vendedor	1	5,3			
Vigilante	1	5,3			
Não respondeu	2	10,5			
<b>Tempo que permaneceu empregado (anos)</b>					0,319‡
Média±Desvio padrão (amplitude)		1,9±0,9		1,6±0,8	
<b>Uso de algum tipo de droga*</b>					>0,999§
Não	1	5,3	2	25,0	
Cigarro	15	78,9	4	50,0	
Álcool	17	89,5	6	75,0	
Maconha	10	52,6	4	50,0	
Cocaína	5	26,3			
Crack	3	10,5	1	12,5	

\*Percentuais obtidos com base na ocorrência do número de casos (questão de múltiplas respostas).

§: Teste Exato de Fisher (Simulação de Monte Carlo)

‡Teste t-Student para grupos independentes

A realização de trabalho remunerado nos últimos 12 meses antes da prisão enfocou principalmente as profissões definidas como “bico”, tanto nos homicidas não psicopatas, 21,1% (n=4), quanto nos psicopatas, 37,5% (n=3). E sobre o tempo que, em média, permaneceram empregados, foi verificado que os grupos não diferiram, uma vez que entre os não psicopatas esta média foi de 1,9 (DP=0,9) anos, enquanto que entre os psicopatas foi de 1,6 (DP=0,8). (P= 0,319). O fato de ter usado, ou ainda utilizar, algum tipo de droga apontou como mais frequentes o uso do álcool (89,5% dos não psicopatas e 75,0% dos psicopatas) e

do cigarro (78,9% dos não psicopatas e 50% dos psicopatas), indicando ausência de diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos.

A Tabela 4 apresenta as variáveis referentes à profissão dos pais, bem como ao uso de drogas pelo pai e pela mãe dos apenados homicidas psicopatas (PCL-R alto) e não psicopatas (PCL-R baixo).

Tabela 4  
 Caracterização dos pais, profissão e uso de drogas, segundo a classificação PCL-R

Variáveis	PBI				p§
	Baixo (n=19)		Alto (n=8)		
	N	%	n	%	
<b>Profissão da mãe</b>					---
Auxiliar de enfermagem	1	5,3			
Auxiliar de serviços gerais			1	12,5	
Caixa supermercado/vendedora	2	10,5			
Coletora			1	12,5	
Cozinheira			1	12,5	
Diarista/Doméstica	7	36,8	1	12,5	
Do lar	7	36,8	2	25,0	
Gari	1	5,3			
Manicure	1	5,3			
Secretária			1	12,5	
Servente			1	12,5	
<b>Mãe fazia uso abusivo de álcool – Não</b>	19	100,0	8	100,0	---
<b>Mãe usava outras drogas</b>					
Não	5	26,3	3	37,5	0,612
Sim	14	73,7	5	62,5	
<b>Qual outra droga</b>					
Álcool	2	13,3	2	40,0	0,799
Cigarro	3	20,0	2	40,0	
Cigarro e álcool	11	73,3	3	60,0	
<b>Profissão do pai – NR=3 (11,1%)</b>					---
Agricultor/chacareiro	2	10,5			
Pedreiro/Aux. pedreiro/gesseiro/pintor	3	15,8	2	28,6	
Borracheiro			1	14,3	
Carpinteiro/marceneiro/eletricista/ Encanador	4	21,1			
Mecânico	1	5,3	1	14,3	
Soldador	2	10,5			
Torneiro mecânico	1	5,3			
Frentista		0,0	1	14,3	
Gari/lixeiro	3	15,8			
Vendedor	1	5,3			
Vigilante	1	5,3			
Zelador			1	14,3	
<b>Pai fazia uso abusivo de álcool NR=3 (%)</b>					0,601
Não	9	50,0	2	33,3	
Sim	9	50,0	4	66,7	
<b>Pai usava outras drogas - NR=3 (%)</b>					>0,999
Não	7	38,9	2	33,3	
Sim	11	61,1	4	66,7	
<b>Qual outra droga</b>					

Cigarro e álcool	11	100,0	4	100,0
------------------	----	-------	---	-------

Nota: NR = não respondeu

§: Teste Exato de Fisher (Simulação de Monte Carlo)

Nas informações referentes aos pais (Tabela 4), observou-se que, com relação à profissão das mães, no grupo com PCL-R Baixo destacaram-se Diarista/Doméstica, bem como a função Do lar, cada uma destas mencionada por 36,8% (n=7) dos casos. No grupo com PCL-R Alto 25,0% (n=2) eram Do lar. Nenhuma das mães fazia uso abusivo do álcool, independentemente da classificação PCL-R. No entanto, quando questionados sobre as mães utilizarem outras drogas a resposta afirmativa foi de 73,7% no grupo dos não psicopatas e de 62,5% no grupo de psicopatas. Nos dois grupos predominou o uso conjunto de álcool (apesar de não se caracterizar como abusivo) e cigarro (73,3% das mães de não psicopatas e 60,0% das mães de psicopatas).

No que se refere à profissão do pai dos não psicopatas, as maiores frequências foram para “Carpinteiro/Marceneiro/Eletricista/Encanador/” (21,1%) e “Gari/Lixeiro”, (15,8%), enquanto que entre os pais dos psicopatas as profissões mais frequentes eram “Pedreiro/Aux. Pedreiro/Gesseiro/Pintor” e “Borracheiro”, cada uma representando 28,6%. O uso abusivo de álcool pelo pai foi confirmado por 50,0% dos não psicopatas e 66,7% dos psicopatas (p=0,601). O fato de o pai ter utilizado outras drogas predominou nos dois grupos (não psicopatas: 61,1% ; psicopatas: 66,7%, sendo p>0,999). Em ambos os grupos foi mencionada a combinação de cigarro e álcool.

Os dados da Tabela 5 mostram se psicopatas e não psicopatas definidos a partir da pontuação total no PCL-R apresentavam diferenças em relação às variáveis de vinculação parental (PBI) e traumas na infância (CTQ). Não foram encontradas associações significativas entre os estilos parentais e psicopatia (PCL-R alto e baixo). No entanto, foi detectada uma

diferença estatisticamente significativa com a dimensão do PBI controle da mãe ( $p=0,030$ ), indicando que a pontuação média do controle materno mostrou-se significativamente mais elevada no grupo de psicopatas ( $1,68\pm 0,71$ ), quando comparado aos demais ( $1,17\pm 0,43$ ). Nas demais comparações, com as dimensões de vinculação parental e com os traumas, não foram detectadas diferenças significativas.

Tabela 5  
*Média e desvio padrão dos instrumentos PBI e CTQ segundo a classificação PCL-R*

Instrumentos	PCL-R				P§
	Baixo (n=18)		Alto (p=8)		
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	
<b>PBI</b>					
Cuidado da mãe	2,29	0,66	2,11	0,59	0,533
Controle da mãe	<b>1,17</b>	<b>0,43</b>	<b>1,68</b>	<b>0,71</b>	<b>0,030</b>
Cuidado do pai	2,09	0,84	2,19	0,73	0,783
Controle do pai	1,05	0,74	1,10	0,53	0,875
<b>CTQ</b>					
Abuso emocional	1,94	0,89	2,50	1,21	0,191
Abuso físico	1,64	0,82	1,63	0,67	0,959
Abuso sexual	1,24	0,61	1,23	0,36	0,942
Negligência emocional	1,62	1,06	2,13	1,06	0,270
Negligência física	1,66	0,82	1,60	0,82	0,857
Escore total	1,62	0,72	1,82	0,75	0,534

§: teste t-Student para grupos independentes

## Discussão

O presente trabalho teve como objetivo verificar diferenças no perfil sociodemográfico e os escores de psicopatia em apenados PCL-R Alto (psicopatas) e PCL-R Baixo (não psicopatas) homicidas. Ao referir o termo homicida, ficam incluídos detentos que cometeram crime de latrocínio, tendo em vista que ambos proferiram crimes contra vida. Dos 27 homicidas, 8 foram considerados psicopatas, conforme ponto de do PCL-R para a população brasileira (Morana et al., 2005). Essa proporção de quase 1 psicopata para 3 não psicopatas é um índice que não pode ser negligenciado. Segundo Hare e Newmann (2007), a prevalência

de psicopatas na população carcerária oscila em 20%, tornando o número desta amostra elevado para psicopatas encarcerados.

De modo geral, os homicidas avaliados são adultos jovens, brancos, casados, com baixa escolaridade, com história de prisão anterior e apenas um com passagem pela FEBEM/FASE. A maioria deles tinha pelo menos um familiar que já havia sido preso. Antes da atual prisão, a maioria dos participantes trabalhava sem vínculo empregatício, em atividades descritas como “bico” e utilizava álcool, cigarro e maconha. O uso de álcool foi relatado como frequente entre pai e mãe, sendo que mais de 50% da amostra tinha pai que fazia uso abusivo.

Na comparação entre as diversas variáveis sociodemográficas e de história pregressa de vida, poucas foram as diferenças significativas encontradas no perfil de psicopatas e não psicopatas. Não obstante, algumas diferenças de perfil puderam ser identificadas. As mais diversas formas de trauma infantis foram bastante referidas pelos participantes.

A literatura mostra que a escolarização é protetiva para o desenvolvimento da personalidade, por manter a criança e o adolescente em contexto social e conferir um cuidado importante diante de eventuais maus tratos advindos do meio familiar. Os adolescentes que não frequentam a escola usam mais drogas e armas do que os demais adolescentes, ficando, portanto, mais suscetíveis ao crime (Gallo, & Williams, 2008).

Neste estudo verificou-se que os homicidas possuem predominantemente baixa escolaridade. Ainda que não se tenha encontrado diferenças estatisticamente significativas entre o grau de escolaridade e psicopatia, observou-se que entre os psicopatas a escolaridade é ainda mais baixa, sendo que metade deste grupo referiu ter ensino fundamental incompleto. Esses resultados vão ao encontro dos de Coid et al. (2009b) que, em uma pesquisa que avaliou psicopatas entre a população carcerária da Inglaterra e do País de Gales, constataram baixa escolaridade entre este grupo de criminosos. Outro estudo mais recente, realizado com

menores cumprindo medida socioeducativa, corroboram os dados já encontrados em torno da prevalência do ensino fundamental incompleto em adolescentes sob a tutela do estado, tendo índices mais elevados de traços de psicopatia (Lühning et al., 2014). Com esses apontamentos, reforça-se o papel da escola não apenas como educadora, mas também como detectora dos problemas intrafamiliares via comportamento do educando no convívio escolar (Araújo, 2002).

Além disso, entre adultos, a baixa escolaridade dificulta o ingresso no mercado de trabalho formal, o que, por sua vez, pode acarretar subempregos e/ou desemprego. A não inserção no mercado de trabalho pode ser um motivador para a criminalidade. Nesse sentido, é digno de nota que nesta investigação 37,5% dos psicopatas (e 21,1% dos demais homicidas) estavam apenas fazendo “bico” antes da sua prisão. Esse tipo de atividade informal consiste em subemprego, sendo comumente episódica e de baixa remuneração. Por outro lado, constatou-se que psicopatas apresentam significativamente renda mais elevada em relação aos não psicopatas. Os dados coletados não permitem identificar se esta diferença se deve ao tipo de atividade criminosa em que estavam envolvidos ou às diferenças encontradas no número de pessoas com quem moravam e o número de filhos, entre outros fatores.

A comparação sociodemográfica entre psicopatas e não psicopatas sugere ainda que esses dois grupos de homicidas possuem diferentes padrões de relacionamentos. Uma proporção maior de psicopatas (em comparação aos não psicopatas) vivia, antes da prisão, com companheira. Ao mesmo tempo, observa-se que este grupo refere ter tido mais casamentos, sugerindo uma maior tendência a múltiplos relacionamentos não duradouros. Esse achado pode ser relacionado ao modo de vida parasitário, típico dos psicopatas, os quais tendem a estar junto de alguém para usufruir dos benefícios que a pessoa possa proporcionar-lhes (Hare, 1973). E nenhum homicida psicopata referiu viver com quatro ou mais pessoas na mesma casa, enquanto uma proporção significativa (36,8%) dos não psicopatas vivia nessa

condição antes da prisão. Com base nos dados levantados, não há como identificar se esta diferença é decorrente da menor renda relatada pelos não psicopatas ou se indica uma menor proximidade com a família estendida entre os psicopatas.

No que se refere ao uso de drogas, verificou-se que, de modo geral, os detentos fazem uso associado de álcool, cigarro e maconha. O uso de cocaína e crack também foi referido, mas em menor proporção e mais entre os não psicopatas. A relação entre abuso de álcool, maconha e outras drogas e violência é bem estabelecida na literatura. Estudos longitudinais de dose-efeito deixam clara a relação causal entre consumo abusivo de álcool e violência (Pickard & Fazel 2013). Nesse sentido, investir em prevenção ao uso abusivo de substâncias químicas psicoativas implica prevenir, indiretamente, a violência familiar e social.

Um dado que merece um olhar detalhado é o uso de álcool pelos pais dos criminosos. Suas mães também faziam uso de álcool e cigarros, mesmo que em quantidades não abusivas, como se verificou nas respostas ao questionário. Já a maioria dos pais (50% dos pais dos não psicopatas e 66,7% dos pais dos psicopatas) fazia uso abusivo de álcool. Em estudo com adolescentes infratores, Lühring et al. (2014) encontraram baixa, mas significativa correlação entre traços de psicopatia e uso de drogas no ambiente familiar. Possivelmente o uso de álcool e outras drogas no ambiente familiar seja um dos fatores que levam à violência, negligência e abuso. Os resultados ainda indicam que os homicidas com PCL-R Alto e Baixo sofreram diversas adversidades na infância, dentre as quais as experiências de abuso emocional e negligência física e emocional foram as situações traumáticas mais relatadas. Esses dados estão em consonância com o que a literatura indica: há associação entre traumas infantis e conduta homicida (Heide & Solomon, (2006). Ainda que psicopatas tenham relatado mais negligência e abuso emocional e também tenham apresentado escore global de traumas mais elevado que não psicopatas, não foram detectadas associações entre tipo de trauma e



psicopatia. Não se descarta a hipótese de tal associação, mas, neste estudo, é impossível confirmar.

Por fim, foi constatada a associação positiva e significativa entre psicopatia e vinculação com a mãe, já que psicopatas referiram significativamente mais controle da mãe do que não psicopatas. Outros estudos mostram que o alto controle parental pode levar ao desenvolvimento de traços de psicopatia, sendo promotor de comportamentos violentos (García et al., 2012). Blanchard e Lyons (2016) estudaram a psicopatia em homens e mulheres e encontraram diferentes preditores, conforme o gênero. Nos homens, o controle materno e o apego evitativo são preditores de traços primários de psicopatia (comportamentos manipulativos e cruéis). Já menos cuidado da mãe prediz traços secundários desta patologia (comportamentos impulsivos e de risco). Portanto, a superproteção materna parece promover efeito indesejável na estruturação da personalidade, podendo ser um dos inúmeros fatores que predis põem a estruturação do transtorno psicopático.

Contudo, a predisposição genética associada à psicopatia deve ser levada em consideração. Fatores genéticos, biológicos e ambientais, tais como experiências negativas precoces interagem nas situações de conduta violência (Gauer, 2007). Assim, é possível também que o intenso controle materno funde uma reação a traços manifestos de impulsividade, agressividade e crueldade preexistentes, sejam eles geneticamente instalados ou constituídos em razão das vivências traumáticas passadas na infância, entre outros fatores estruturantes.

Os fatores individuais relacionados com as condutas antissociais são múltiplos, e as interações com variáveis biológicas e sociais são inquestionáveis. Este estudo focalizou somente alguns possíveis determinantes individuais, familiares e sociodemográficos da psicopatia, que é um transtorno complexo, com um amplo espectro a ser pesquisado. Estudos sobre psicopatia são relevantes para dar subsídios para a reabilitação dos apenados e a

avaliação de reincidência criminal, mas principalmente para a prevenção da violência na sua gênese, isto é, na infância. Sugere-se, então, mais estudos sobre os fatores associados a esse transtorno.

### **Considerações Finais**

Neste estudo foram investigadas características sociodemográficas, familiares e criminais, assim como vivências de vinculação e traumas infantis em homicidas com vistas a explorar possíveis diferenças nos perfis de psicopatas e não psicopatas. Poucas diferenças significativas foram encontradas. A baixa escolaridade e renda, a ausência de emprego formal, o uso de álcool e sua combinação com outras drogas, assim como níveis elevados de traumas na infância foram características salientes entre os homicidas. Psicopatas parecem tender à maior instabilidade nas relações e possuir mais eventos traumáticos na sua história. O alto controle materno foi um fator significativamente associado à psicopatia entre os homicidas. Pais comprometidos afetivamente com seus filhos garantem confiança, segurança e amor para o infante. Conseqüentemente, o respeito pelas figuras materna e paterna reflete nas figuras de autoridade da criança na infância e na vida adulta. A escola também cumpre um fator importante para a socialização e proteção da criança, pois é nela que se podem detectar maus tratos ou situações de risco a que a criança possa estar submetida, dirimindo, desse modo, danos que possam ser permanentes na formação da personalidade. Fazem-se necessários mais estudos sobre esta temática, com amostra maior que permita aplicação de procedimentos estatísticos mais robustos para examinar o efeito preditivo do controle materno e de outras variáveis sobre a psicopatia.

## Referências

- Araújo, C. (2002). *A violência desce para a escola: Suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens*. Belo Horizonte, Brazil: *Autêntica*.
- Atlas da Violência 2016. Retrieved from [http://www.forumseguranca.org.br/storage/download/atlas\\_da\\_violencia\\_2016\\_ipea\\_e\\_fbsp.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/storage/download/atlas_da_violencia_2016_ipea_e_fbsp.pdf)
- Davoglio, T. R., Lürhing, G., & Gauer, G. J. C. (2009). Avaliação de traços de psicopatia em uma amostra brasileira de adolescente em conflito com a lei. *X Salão de Iniciação Científica – PUCRS*, Programa de Pós-Graduação em Psicologia PPGP/PUCRS. Retrieved from [http://www.pucrs.br/edipucrs/IVmostra/IV\\_MOSTRA\\_PDF/Psicologia/72213-GUINTER\\_LUHRING.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/IVmostra/IV_MOSTRA_PDF/Psicologia/72213-GUINTER_LUHRING.pdf)
- Bernstein, D. P., Ahluvalia T., Pogge, D., Handelsman, L. (1997). Validity of the childhood trauma questionnaire in an adolescent psychiatric population. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 36, 340–348. doi:10.1097/00004583-199703000-00012
- Blanchard, A., & Lyons, M. (2016). Sex differences between primary and secondary psychopathy, parental bonding, and attachment style. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 10(1), 56.
- Borja, K., Ostrosky, F. (2013). Psychiatry/behavioral science. *J Forensic Sci*, 58(4), July. doi:10.1111/1556-4029.12104
- Cima, M., Smeets, T., & Jelicic, M. (2008). Self-reported trauma, cortisol levels, and aggression in psychopathic and non-psychopathic prison inmates. *Biological psychology*, 78(1), 75-86. Retrieved from

[https://www.researchgate.net/profile/Tom\\_Smeets/publication/5547186\\_Self-reported\\_trauma\\_cortisol\\_levels\\_and\\_aggression\\_in\\_psychopathic\\_and\\_non-psychopathic\\_prison\\_inmates/links/0046352fdc7f21c102000000.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Tom_Smeets/publication/5547186_Self-reported_trauma_cortisol_levels_and_aggression_in_psychopathic_and_non-psychopathic_prison_inmates/links/0046352fdc7f21c102000000.pdf)

Cale, E. M., & Lilienfeld, S. O. (2006). Psychopathy factors and risk for aggressive behavior: A test of the “threatened egotism” hypothesis. *Law and human behavior*, 30(1), 51-74.

Coid, J., Yang, M., Ullrich, S., Roberts, A., Moran, P., Bebbington, P. & Singleton, N. (2009a). Psychopathy among prisoners in England and Wales. *International Journal of Law and Psychiatry*, 32(3), 134-141. Retrieved from [http://roar.uel.ac.uk/661/1/Coid,%20J%20\(2009\)%20IJLP%2032%20\(3\)%20134\\_141.pdf](http://roar.uel.ac.uk/661/1/Coid,%20J%20(2009)%20IJLP%2032%20(3)%20134_141.pdf)

Coid, J., Yang, M., Ullrich, S., Roberts, A., & Hare, R. D. (2009b). Prevalence and correlates of psychopathic traits in the household population of Great Britain. *International journal of law and psychiatry*, 32(2), 65-73. Retrieved from [http://roar.uel.ac.uk/660/1/Coid,%20JW%20\(2009\)%20IJLP%2032%20\(2\)%2065-73.pdf](http://roar.uel.ac.uk/660/1/Coid,%20JW%20(2009)%20IJLP%2032%20(2)%2065-73.pdf)

Contandriopoulos, A. P., Champagne, F., Potvin, L., Denis, J. L., & Boyle, P. (1994). *Saber preparar uma pesquisa*. São Paulo, SP: Hucitec Abrasco.

Cornell, D. G., Warren, J., Hawk, G., Stafford, E., Oram, G., & Pine, D. (1996). Psychopathy in instrumental and reactive violent offenders. *Journal of consulting and clinical psychology*, 64(4), 783.

Dhingra, K., & Boduszek, D. (2013). Psychopathy and criminal behaviour: a psychosocial research perspective. *Journal of Criminal Psychology*, 3(2), 83-107.

- Heide, K. M., & Solomon, E. P. (2006). Biology, childhood trauma, and murder: Rethinking justice. *International journal of law and psychiatry*, 29(3), 220-233.
- Heider D, Matschinger H, Bernert S et al. (2008). Adverse parenting as a risk factor in the occurrence of anxiety disorders: a study in six European countries. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol*, 43: 266–72. DOI 10.1007/s00127-007-0302-0
- Garbayo, J., & Argôlo, M. J. R. (2008). Crime e doença psiquiátrica: perfil da população de um hospital de custódia no Rio de Janeiro. *J Bras Psiquiatr*, 57(4), 247-252.
- Gallo, A. E., & Williams, L. C. D. A. (2008). A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. *Cadernos de pesquisa*, 38(133), 41-59. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742008000100003>.
- García, C. H., Moral, J., Frías, M., Valdivia, J. A. & Díaz, H. L. (2012). Family and socio-demographic risk factors for psychopathy among prison inmates. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 4(2), 119-34. Retrieved from [http://webs.uvigo.es/sepjf/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=47&Itemid=110&lang=en](http://webs.uvigo.es/sepjf/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=47&Itemid=110&lang=en)
- Gauer, G. C. (2007). Personalidade e conduta violenta. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, 1(2), 45-66.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ed. São Paulo: Atlas.
- Grassi-Oliveira, R., Stein, L. M., & Pezzi, J. C. (2006). Tradução e validação de conteúdo da versão em português do Childhood Trauma Questionnaire. *Revista de Saúde Pública*, 40(2), 249-55. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-89102006000200010>
- Hare, R. D. (1973). *Psicopatia: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.

- Hare, R. D. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised*. Toronto, Canada: Multi Health Systems.
- Hare, R. D. (1996). Psychopathy and Antisocial Personality Disorder: A Case of Diagnostic Confusion. Published on Psychiatric Times. Retrieved from <http://www.psychiatrictimes.com/antisocial-personality-disorder/psychopathy-and-antisocial-personality-disorder-case-diagnostic-confusion>
- Hare, R. D. (1999). Psychopathy as a risk factor for violence. *Psychiatric Quarterly*, 70(3), 181-197.
- Hare, R. D. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist Revised*. 2ed. Toronto, Canada: Multi Health Systems.
- Hare, R., & Newmann, C. (2007). The PCL-R assessment of psychopathy. Development, structural properties, and new directions. In C. Patrick (Org.), *Handbook of psychopathy* (pp. 58-90). New York: Guilford Press.
- Hare, R. D. (2013). *Sem consciência. O mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Harenski, C. L., Harenski, K. A. & Shane, M. (2010). Aberrant neural processing of moral violations in criminal psychopaths. *Journal of Abnormal Psychology*, 119(4), 863-874. doi: 10.1037/a0020979.
- Harris, G. T., Rice, M. E., & Quinsey, V. L. (1994). Psychopathy as a taxon: evidence that psychopaths are a discrete class. *Journal of consulting and clinical psychology*, 62(2), 387.
- Hauck, S., Schestatsky, S., Terra, L., Knijnik, L., Sanchez, P., & Ceitlin, L. H. F. (2006). Adaptação transcultural para o português brasileiro do Parental Bonding Instrument

- (PBI). *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 28, 162-168. Retrieved from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-81082006000200008&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082006000200008&lng=en&tlng=pt). 10.1590/S0101-81082006000200008.
- Edens, J. F., Marcus, D. K., Lilienfeld, S. O., & Poythress Jr, N. G. (2006). Psychopathic, not psychopath: taxometric evidence for the dimensional structure of psychopathy. *Journal of abnormal psychology*, 115(1), 131.
- Hemphill, J. F., & Hare, R. D. (2004). Some misconceptions about the Hare PCL-R and risk assessment a reply to Gendreau, Goggin, and Smith. *Criminal Justice and Behavior*, 31(2), 203-243.
- Juodis, M., Starzomski, A., Porter, S., & Woodworth, M. (2014). A comparison of domestic and non-domestic homicides: further evidence for distinct dynamics and heterogeneity of domestic homicide perpetrators. *Journal of family violence*, 29(3), 299-313.
- Koch, J., Berner, W., Hill, A., & Briken, P. (2011). Sociodemographic and diagnostic characteristics of homicidal and nonhomicidal sexual offenders. *Journal of forensic sciences*, 56(6), 1626-1631.
- Krischer, M. K., & Sevecke, K. (2008). Early traumatization and psychopathy in female and male juvenile offenders. *International journal of law and psychiatry*, 31(3), 253-262. Retrieved from <http://dx.doi.org.ez101.periodicos.capes.gov.br/10.1016/j.ijlp.2008.04.008>
- Lühring, G., Gauer, G., Vasconcellos, S., Davóglia, T., Silva, L. & Navarrette, S. S. (2014). Correlação entre traços de psicopatia e abuso de drogas em uma amostra de adolescentes brasileiros em conflito com a lei. *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano*, 2 (1), pp. 29-39. Retrieved from

[http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/saude\\_desenvolvimento/article/view/12](http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/saude_desenvolvimento/article/view/12)

26

- Mandelli, L., Carli, V., Roy, A., Serretti, A., & Sarchiapone, M. (2011). The influence of childhood trauma on the onset and repetition of suicidal behavior: An investigation in a high risk sample of male prisoners. *Journal of psychiatric research*, 45(6), 742-747. Retrieved from <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0022395610003237>
- Morana, H.C.; Arboleda-Florez, J.; Câmara, F. P. (2005) Identifying the cutoff score for the PCL-R scale (psychopathy checklist-revised) in a Brazilian forensic population. *Forensic Sci Int*, 147 (1): 1-8, 2005. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.1016/j.forsciint.2004.03.019>
- Nunes, L. M. (2011). Sobre a psicopatia e sua avaliação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(2), 39-48.
- Ogloff, J. R., Talevski, D., Lemphers, A., Wood, M., & Simmons, M. (2015). Co-occurring mental illness, substance use disorders, and antisocial personality disorder among clients of forensic mental health services. *Psychiatric rehabilitation journal*, 38(1), 16.
- Parker, G., Tupling, H., Brown, LB. (1979). A Parental Bonding Instrument. *British Journal of Medical Psychology*, 52, 1-10. doi: 10.1111/j.2044-8341.1979.tb02487.x
- Pérez, B., Rodríguez-Díaz, F. J., Herrero, J. & Fernández-Suárez, A. (2016). Perfil del psicópata institucionalizado sin comportamiento criminal previo a su entrada en prisión. *Terapia Psicológica*, 34 (2), 81-91. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-48082016000200001>



- Pickard, H., & Fazel, S. (2013). Substance abuse as a risk factor for violence in mental illness: some implications for forensic psychiatric practice and clinical ethics. *Current opinion in psychiatry*, 26(4), 349.
- Porter, S., & Woodworth, M. (2007). "I'm sorry I did it... but he started it": A comparison of the official and self-reported homicide descriptions of psychopaths and non-psychopaths. *Law and human behavior*, 31(1), 91-107.
- Rebocho, M. F. (2007). *Psicopatia e Risco de recidiva em violadores portugueses*. Tese de Doutorado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psiquiatria da Justiça, Universidade do Minho. Bolseira 1, 83-100. Retrieved from [https://www.researchgate.net/profile/Maria\\_Rebocho/publication/230641793\\_Psicopatia\\_e\\_Risco\\_de\\_Recidiva\\_em\\_Violadores\\_Portugueses/links/547f3e870cf2d2200edebe14.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Maria_Rebocho/publication/230641793_Psicopatia_e_Risco_de_Recidiva_em_Violadores_Portugueses/links/547f3e870cf2d2200edebe14.pdf)
- Sánchez, J. C., & Vergara, R. G. (2013). Psicopatía y apego en los reclusos de una cárcel chilena. *Anuario de psicología/The UB Journal of psychology*, 43(1), 83-99.
- Schmitt, R., Pinto, T. P., Gomes, K. M., Quevedo, J. & Steins, A. (2006). Personalidade psicopática em uma amostra de adolescentes infratores brasileiros. *Rev. Psiq. Clín*, 33(6), 297-303. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832006000600002>
- Schimmenti, A., Di Carlo, G., Passanisi, A., & Caretti, V. (2015). Abuse in childhood and psychopathic traits in a sample of violent offenders. *Psychological trauma: theory, research, practice, and policy*, 7(4), 340.
- Selltiz, C., Wrightsman, L. S., & Cook, S. W. (1987). *Métodos de pesquisa nas relações sociais: Delineamentos de pesquisa* (2ed., Vol. 2). São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária.

- Serafim, A. P. (2005). *Correlação entre ansiedade e comportamento criminoso: padrões de respostas psicofisiológicas em homicidas*. Tese de Doutorado, Curso de Pós-graduação em Fisiopatologia Experimental da Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.5.2005.tde-06102014-090759.
- Silva, N. V. M. (2010). *Psicopatia e traços da personalidade em estudantes universitários*. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, Portugal. Retrieved from <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/1256/Tese%20Final.pdf?sequence=1>
- Soeiro, Cristina, & Gonçalves, Rui Abrunhosa. (2010). O estado de arte do conceito de psicopatia. *Análise Psicológica*, 28(1), 227-240. Retrieved from [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312010000100016&lng=pt&tlng=p](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000100016&lng=pt&tlng=p).
- Tassy, S., Deruelle, C., Mancini, J., Leistedt, S. & Wicker, B. (2013). High levels of psychopathic traits alters moral choice but not moral judgment. *Frontiers in Human Neuroscience*, 7(229), June. doi:10.3389/fnhum.2013.00229
- Valença, A. M., & de Moraes, T. M. (2006). Relação entre homicídio e transtornos mentais. Relationship between homicide and mental disorders. *Rev Bras Psiquiatr*, 28(Supl II), S62-8.
- Wellausen, R. S. & Bandeira, D. R. (2010). O tipo de vínculo entre pais e filhos está associado ao desenvolvimento de comportamento antissocial? *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 44(3), 498-506. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28420658012>

## **Seção 2: Artigo empírico**

### **Traços psicopáticos, experiências traumáticas e de vinculação infantil em presidiários homicidas**

#### **Resumo**

Pautado por dados da literatura que indicam que os traços de psicopatia são bastante prevalentes entre presidiários e estão associados a experiências adversas da infância, este estudo buscou identificar as características psicopáticas de homicidas apenados em regime fechado no presídio de Passo Fundo - RS e avaliar sua relação com vínculos parentais e abuso/trauma na infância. A amostra consistiu em 27 presidiários homicidas. Os dados foram coletados por meio de um questionário sociodemográfico e de histórico prisional, da Hare Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R), do Instrumento sobre o Vínculo Parental (PBI) e do Questionário Sobre Traumas Na Infância (QUESI). Os achados sugerem que homicidas possuem história de múltiplos traumas na infância e que a maior frequência dessas situações adversas está relacionada com menor cuidado e proteção de ambos, mãe e pai. A maior intensidade de traços psicopáticos nos homicidas está relacionada com o controle ou superproteção da mãe. Sugerem-se mais sobre fatores associados a traços psicopáticos em criminosos para conhecer os determinantes individuais da violência e contribuir para sua prevenção.

**Palavras chave:** psicopatia, personalidade, apego, trauma, abuso, vínculos parentais.

### **Traumatic experiences with childish bonding and psychopathic traits in convicted**

#### **homicides**

#### **Abstract**

Based on data from the literature which show that psychopathic traits are very prevalent among the prisoners and are linked to the negative childhood experiences, this study aimed to identify the psychopathic characteristics of convicted homicides at the prison of Passo Fundo - RS, and to evaluate their relationship with parental bonding and with childhood abuse/trauma. The sample consisted in 27 convicted homicides. The data were collected by a social and demographic questionnaire, prison reports, the Hare Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R), the Parental Bonding Instrument (PBI) and the Childhood Trauma Questionnaire (QUESI). The results suggest that the homicides have a history of many

childhood traumas and that most of these adverse situations are related with little care and protection from both, father and mother. The intensity of the homicides psychopathic traits are related to mother's control or overprotection. It is suggested more studies about the reasons connected with psychopathic traits in order to know the individual determinants of the violence and contribute for its prevention.

**Key-words:** psychopathy, trauma, abuse, parental bonding

O Brasil ocupa a sétima posição em homicídios no mundo, dentre os 95 países com abrangência das estatísticas da Organização das Nações Unidas (ONU), com uma taxa de 27,4 homicídios por 100 mil habitantes, no período de 2007 a 2011. Já o estado do Rio Grande do Sul possui uma taxa de 19,2 homicídios por 100.000 habitantes, indicando o 24º lugar no Mapa da Violência no país. Passo Fundo, situado na região norte do estado do Rio Grande do Sul, possui taxa de 19,4 homicídios por 100.000 habitantes, no período de 2007 até 2012 (Mapa da Violência, 2014). Embora existam diversas e complexas causas para a criminalidade, a prevenção da violência depende, em grande medida, do conhecimento sobre a personalidade dos que transgridem as leis e atentam contra a vida dos demais.

Conforme Andrews e Bonta (2010), a ênfase na punição (ao invés de na reabilitação) de criminosos não tem ajudado a diminuir estatísticas de criminalidade nos EUA. Essa mesma realidade pode ser observada no Brasil. Conhecer a personalidade de criminosos homicidas é essencial para a avaliação de riscos de reincidência e potencial de recuperação/ressocialização. Investir na aplicação do conhecimento psicológico na prevenção da violência e na recuperação de detentos é uma alternativa que ainda não teve investimento suficiente. Nesse sentido, não se trata de desconsiderar determinantes sociais da criminalidade, mas enfatizá-los excessivamente ignora os componentes individuais associados ao crime e, portanto, não focaliza a pessoa que supostamente deveria ser ressocializada.

Embora exercer atividade criminosa não implique necessariamente em presença de algum transtorno mental, os estudos têm mostrado que há associação entre condutas

criminosas e diversos transtornos psicológicos, como o transtorno antissocial e a psicopatia (Theodorakis, 2013). Esses e outros transtornos da personalidade, por sua vez, são fortemente associados a experiências adversas sofridas na infância (Grover, 2007).

Historicamente o termo psicopatia sofreu diversas modificações, sendo substituído, atualmente, nos sistemas de classificação diagnóstica da psiquiatria, pelo termo Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS; Soeiro & Gonçalves, 2010). Ambos os termos não são sinônimos, já que o TPAS incluiu diversas características que não são centrais à psicopatia. Segundo Hare (1996; 1973), a psicopatia caracteriza-se fundamentalmente pela ausência de capacidade de colocar-se no lugar de outro e pela frieza emocional. Como anomalia psíquica, a psicopatia pode ser definida como um transtorno antissocial da personalidade do indivíduo que, apesar de mostrar integridade das funções psíquicas e mentais, pode apresentar conduta social patologicamente alterada. O antissocial pode relacionar-se com os demais, porém os vê como objetos. Harenski, Harenski e Shane (2010) indicam que estes indivíduos são compelidos a cometer intencionalmente transgressões morais contra os outros, sem sentir culpa ou remorso.

A psicopatia, assim como outras perturbações da personalidade, pode ser compreendida sob a ótica da Teoria do Apego de John Bowlby. Para este autor (Bowlby, 1990, 1993<sup>a</sup> & 1993<sup>b</sup>), o apego refere-se à capacidade humana de formar laços afetivos e amorosos com o outro. O apego seria um sistema de motivação que desempenha um papel significativo em todas as fases da vida, pois constitui o protótipo de relacionamentos futuros. Silveira e Ferreira (2005) sugerem que o apego se forma a partir de comportamentos apreendidos nas interações que acontecem nos primeiros meses e anos de existência e persistem como parte essencial da vida do ser humano. O que pode variar é a maneira de expressar-se em frequência e intensidade.

Hansen, Waage e Eid (2011) avaliaram o papel do apego e as características de personalidade em relação às tendências antissociais numa amostra de 92 presidiários noruegueses. Os resultados mostraram predomínio de apego evitativo. Enquanto a idade e a afabilidade estavam negativamente associadas e emergiram como preditores significativos de violência, o apego ansioso explicou a maioria dos desvios na agressão em relacionamentos íntimos. Assim, o achado sugere que diferentes tipos de tendências antissociais poderiam ter diferentes modelos de apego associadas.

Wellausen e Bandeira (2010) examinaram os estilos de vinculação parental na infância em 50 prisioneiros. Os dados do estudo revelaram que o controle sem afeto paterno e materno esteve presente em, respectivamente, 40% e 42% dos participantes, enquanto que o controle com afeto, em 20% com os pais e 36% com as mães. A parentalidade ótima paterna e materna foi encontrada, respectivamente, em 12% e 16% da amostra. Casos de TPAS foram mais frequentes em famílias em que tanto a mãe quanto o pai exerciam funções com menos cuidado e sem afeto. Tais resultados possibilitam a associação entre o prejuízo nos vínculos parentais e a saúde/doença mental entre os apenados.

Maya, Krischer e Sevecke (2008) afirmam que uma relação de apego inseguro, traumática e marcada por abusos, pode condicionar um comportamento antissocial e agressivo. Os autores constataram que negligência emocional e abusos físicos, emocionais e sexuais estão significativamente mais presentes em detentos alemães com escore elevado de fatores antissociais e que cometeram ao menos um crime violento (n = 185) do que no grupo controle (n = 98), formado por estudantes. Tais achados são corroborados pelo estudo de Schimenti et al. (2014), que encontrou numa sub-amostra de 10 infratores italianos com altas pontuações na Escala Hare – *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R), história de várias adversidades na infância e indicadores de apego inseguro e de apego desorganizado.

A importância do calor e do afeto materno para dimensionar traços de agressividade também foi considerada por Kimonis et al. (2013) numa investigação com 227 adolescentes infratores do sexo masculino. Foi observado que a negligência no cuidado materno estava significativamente associada aos comportamentos agressivos e antissociais dos jovens. Essa relação é corroborada pela pesquisa de Borja e Ostrosky (2013), que encontrou relação entre a experiência de eventos traumáticos e o nível de psicopatia em presos psicopatas condenados por crimes violentos, como homicídio, sequestro e crime organizado. Esses criminosos foram submetidos à vitimização significativa, estando mais expostos a eventos estressantes, na forma física e no abuso sexual. Concluem os autores que um ambiente hostil pode ter favorecido o desenvolvimento de um estilo de vida antissocial desses indivíduos. E, ainda, Kolla, Malcolm e Attard (2013) encontraram experiências de maus tratos na infância entre criminosos violentos com TPAS, sugerindo uma forte influência de abuso físico na infância sobre o comportamento antissocial.

Tomando em conjunto os estudos até aqui revisados, pode-se afirmar a importância do ambiente e do vínculo familiar no desenvolvimento de características ou traços psicopáticos de personalidade. A psicopatia possui, por exemplo, associação negativa com a idade em que a pessoa deixou de viver com a família de origem (García et al., 2012). Rupturas precoces nos vínculos primários, bem como estilos parentais com alto controle e baixo afeto, abuso sexual e outras situações traumáticas vivenciadas na infância e adolescência parecem influenciar o desenvolvimento das características psicopáticas de personalidade. Essas, por sua vez, podem predispor a comportamentos violentos, incluindo o homicídio.

O objetivo do presente estudo é identificar as características psicopáticas e avaliar sua relação com vínculos parentais e com abuso/trauma na infância em homicidas apenados em

regime fechado no presídio de Passo Fundo - RS. Assim, investigar a hipótese dessas associações em homicidas pode contribuir para medidas preventivas e diminuir o sofrimento do infante, na possibilidade de um desenvolvimento com menores índices de traços psicopáticos e, conseqüentemente, de uma redução de crimes contra a vida.

### **Método**

Este é um estudo descritivo, de caráter quantitativo, transversal e correlacional (Gil, 2008; Selltiz, Wrightsman & Cook, 1987; Contandriopoulos, Champagne, Pontvin, Denis & Boyle, 1994).

### **Amostra**

A presente pesquisa foi composta por uma amostra de conveniência em que participaram 27 indivíduos condenados por homicídio e latrocínio, sendo 14 homicidas e 13 latrocidas. Adotou-se como critério de inclusão homens, com idade de 18 a 60 anos, cumprindo pena em regime fechado no presídio regional de Passo Fundo.

### **Instrumento**

#### **Ficha de Dados Sociodemográficos e do Histórico Prisional**

A ficha de dados sociodemográficos e do histórico prisional, que contém 50 questões e foi elaborada especificamente para fins deste estudo, traz informações para a descrição do perfil sociodemográfico dos participantes. Identificaram-se idade, escolaridade, local de nascimento, número de irmãos e filhos, etnia, relacionamentos, renda familiar, relação de emprego do apenado e dos familiares, uso ou abuso de drogas do presidiário e dos familiares, se trabalha no presídio e, ainda, se passou por tratamento ou internação psiquiátrica, com uso de medicações. Nesse perfil, insere-se também a sua situação jurídico-penal e



comportamental, como tipo de delito, pena, tempo e cumprimento da pena, situação prisional de familiares, crimes cometidos, tempo da pena, prisões anteriores, crimes dentro do presídio, ações disciplinares no presídio, fugas e tentativas, internações na FEBEM/FASE.

**Escala Hare de Psicopatia/ Escala Hare (Hare Psychopathy Checklist-Revised – PCL-R; Hare, 1991; 2003)**

O PCL-R foi desenvolvido por Hare (2003) e avalia a psicopatia, mensurando características afetivas, interpessoais e comportamentais do participante. É uma escala ordinal de três pontos (0 = característica ausente; 1 = parcialmente presente; 2 = característica definitivamente presente) com 20 itens distribuídos em dois fatores. O fator 1 avalia os aspectos afetivos e interpessoais, e o fator 2 avalia os aspectos predominantemente comportamentais, referentes a condutas desviantes. A pontuação da escala segue o manual do instrumento e é feita por avaliador treinado após entrevista semiestruturada e acesso aos dados da ficha prisional dos apenados. O treinamento é proferido por psicólogos ou psiquiatras com domínio no PCL-R. Na versão original, é recomendado um ponto de corte de 30 pontos para a atribuição de um provável diagnóstico de psicopatia em adultos (Hare, 2003). Morana *et al.* (2005) realizaram o estudo que valida a versão em Português do Brasil do PCL-R para diferenciar os indivíduos considerados psicopatas de não-psicopatas. Os achados deste estudo indicam que o ponto de corte na população carcerária brasileira é de 23 pontos, com sensibilidade de 84,8% e especificidade de 100%. O índice de concordância *kappa* entre a prova de Roscharch e a PCL-R foi de 0,8735.

**Instrumento sobre o Vínculo Parental / Parental Bonding Instrument (PBI; Parker, Tupling, & Brown, 1979)**

O PBI é um instrumento de autorrelato com 25 perguntas do tipo Likert (variação entre 0 e 3) em relação ao pai e à mãe, no qual o sujeito é inquerido sobre o quão parecido

aquele comportamento é com o comportamento dos seus pais até os seus 16 anos. O PBI mede dois construtos: afeto e controle ou proteção (Parker, Tupling, & Brown, 1979). A versão em português do Brasil foi elaborada por Hauck, Schestatsky, Terra, Knijnik, Sanchez e Ceitlin (2006) e possui equivalência conceitual, semântica, funcional e operacional ao instrumento original. Conforme os autores, os diversos estudos realizados com o instrumento atestam que se trata de uma medida psicometricamente robusta, estável ao longo do tempo e cujo constructo se mantém nas diversas versões para outras línguas já realizadas e validadas.

**Questionário Sobre Traumas na Infância (QUESI)/ Childhood Trauma Questionnaire (CTQ), (Bernstein, Ahluvalia, Pogge, & Hendelsman, 1997)**

O QUESI é um questionário composto por 28 questões que avaliam a presença de experiências traumáticas (abusos e negligências) na infância e adolescência. Do total de questões, cinco avaliam abuso emocional (AE); cinco, abuso físico (AF); cinco, abuso sexual (AS); cinco, negligência emocional (NE); cinco, negligência física (NF), e três correspondem à escala de controle de confiabilidade das respostas. As questões são do tipo Likert de cinco pontos, com pontuação variando de 1 a 5, sendo que os escores mais altos indicam maior frequência da experiência traumática. Estudos de validade e de confiabilidade atestam as propriedades psicométricas do instrumento original. A versão em português foi elaborada por Grazzi-Oliveira, Stein & Pezzi (2006) e apresenta confiabilidade de 0,87. Bernstein e Fink conseguiram indicadores aceitáveis de coerência interna de todas suas subescalas, calculados a partir do alfa de Cronbach, cujas medianas variaram de  $\alpha=0,66$ , para a subescala de negligência física, a  $\alpha=0,92$  para a de abuso sexual. Além disso, a confiabilidade do CTQ foi analisada por teste-reteste, mostrando-se bastante estável (Grazzi-Oliveira, Stein & Pezzi 2006).

### **Procedimentos para a Coleta de Dados**

Os participantes, oriundos do Presídio Regional de Passo Fundo – RS foram selecionados por conveniência. A coleta foi de forma individual com os detentos, sendo que todos os procedimentos do estudo foram explicados para obter o consentimento voluntário para participarem da pesquisa. Os participantes que concordaram em participar do estudo responderam à entrevista do PCL-R, seguida da aplicação do instrumento para avaliação de experiências traumáticas na infância (QUESTI), para avaliação do vínculo parental (PBI) e questionário sociodemográfico. Devido à baixa escolaridade e dificuldades na compreensão dos itens dos instrumentos, a aplicação foi feita oralmente. O tempo médio de aplicação de todos os instrumentos foi de 130 minutos por sujeito, e a entrevista foi codificada conforme o manual da PCL-R. Para o preenchimento da ficha sociodemográfica e de histórico prisional foram consultados os arquivos institucionais que continham informações dos apenados. A coleta de dados foi realizada por psicólogo e finalistas do curso de Psicologia treinados para condução e avaliação do PCL-R pela autora responsável pela versão brasileira do instrumento (Hilda Morana).

### **Procedimentos Éticos**

O projeto, número CEP 15/256, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, estando em acordo com os preceitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes concordaram em participar voluntariamente do estudo, sendo-lhes garantido sigilo e anonimato, bem como a liberdade para interromper a participação em qualquer etapa do estudo.

### **Procedimentos de Análise de Dados**

As análises foram realizadas no programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 20.0. O tratamento estatístico dos dados foi composto pelas seguintes análises descritivas e inferenciais: 1. Análise Descritiva: distribuição absoluta e relativa (n - %), bem como pelas medidas de tendência central e de variabilidade, com estudo da distribuição de dados pelo teste de *Shapiro Wilk.*; 2. Análise de Correlação para verificar a existência de correlação entre as variáveis: vínculos parentais, abusos/traumas na infância e traços de psicopatia, realizada por meio do coeficiente de Pearson. A comparação das variáveis contínuas entre dois grupos independentes ocorreu pelo teste t-Student e quando a comparação ocorreu sobre as variáveis categóricas foi utilizado o teste exato de Fisher (simulação de Monte Carlo). O nível de significância adotado foi de 5% ( $p \leq 0,05$ ).

## **Resultados**

### **Medidas Descritivas**

Os resultados apresentados referem-se a uma amostra de 27 apenados, sendo 51,9% (n=14) que cumprem pena por crime de homicídio e 48,1% (n=13), por crime de latrocínio. As idades variaram de 21 a 63 anos (M = 32,2; DP=10,3), sendo a faixa de 30 anos ou mais, a mais prevalente (55,6%; n=15). A escolaridade referente ao ensino fundamental incompleto foi observada em 37,03% (n=10) da amostra, e o estado civil casado foi declarado por pouco mais da metade dos casos investigados, 51,9% (n=14). Com relação à etnia, a maioria é branca (55,6%). A distribuição das variáveis sociodemográficas e do tipo de crime está descrita na Tabela 1.

Tabela 1

*Distribuição absoluta e relativa para o crime, faixa etária e escolaridade; e medidas de tendência central e de variabilidade para a idade*

Variáveis Sociodemográficas	Total Amostra (n=27)	
	N	%
<b>Crime</b>		
Homicídio	14	51,9
Latrocínio	13	48,1
<b>Idade (anos)</b>		
Média±DP (Amplitude)	32,2±10,3 (21 - 63)	
Mediana (1º-3º Quartil)	30,0 (25,0 – 37,0)	
<b>Escolaridade</b>		
Ensino fundamental incompleto	10	37,03
Ensino fundamental completo	8	29,62
Ensino médio incompleto	6	22,22
Ensino médio completo	2	7,40
Superior incompleto	1	3,73
<b>Estado civil</b>		
Casado	14	51,9
Solteiro	13	48,14
<b>Etnia</b>		
Negra	3	11,1
Branca	15	55,6
Parda	9	33,3

Os resultados descritivos dos instrumentos PCL-R (psicopatia), PBI (Vínculo parental) e CTQ (traumas na infância) têm suas estimativas apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2  
 Medidas de tendência central e de variabilidade os instrumentos PCLR, PBI e CTQ

Instrumentos	Média	Desvio padrão	Amplitude		Quartil		
			Mínimo	Máximo	Mediana (2º)	1ª	3º
<b>PCL-R</b>							
Fator 1	8,3	2,9	3,0	13,0	9,0	6,0	10,0
Fator 2	7,6	3,5	3,0	17,0	7,0	5,0	10,0
Soma total	18,6	6,0	8,0	35,0	18,0	14,0	23,2
<b>CTQ</b>							
Abuso emocional	2,1	1,0	1,0	4,6	1,8	1,4	3,2
Abuso físico	1,6	0,8	1,0	3,6	1,4	1,0	2,4
Abuso sexual	1,2	0,5	1,0	3,2	1,0	1,0	1,2
Negligencia emocional	1,8	1,1	1,0	5,0	1,2	1,0	2,0
Negligencia física	1,6	0,8	1,0	3,4	1,2	1,0	2,2
Escore total	1,7	0,7	1,0	3,3	1,4	1,2	2,0
<b>PBI</b>							
Cuidado da mãe	2,2	0,6	1,1	3,0	2,5	1,9	2,8
Controle da mãe	1,3	0,6	0,2	3,0	1,3	0,9	1,6
Cuidado do pai	2,1	0,8	0,5	3,0	2,4	1,4	2,8
Controle do pai	1,1	0,7	0,0	2,5	1,0	0,3	1,6
<b>Estilos parentais</b>							
<b>Mãe</b>							
Cuidado ótimo				14,8% (n=4)			
Controle afetivo				40,7% (n=11)			
Controle sem afeto				29,6% (n=8)			
Negligente				14,8% (n=4)			
<b>Pai</b>							
Cuidado ótimo				29,6% (n=8)			
Controle afetivo				25,9% (n=7)			
Controle sem afeto				25,9% (n=7)			
Negligente				18,5% (n=5)			

Conforme dados da Tabela 2, verificou-se que, no PCL-R, a pontuação total da amostra variou de 8 a 35 pontos, com média de 18,6 (DP=6,0). Constatou-se que os traços e/ou comportamentos psicopáticos avaliados pelo PCL-R mais elevados foram: ausência de remorso ou culpa (M = 1,41; DP (0,7)); impulsividade (M = 1,29; DP = 0,67); e ausência de metas realísticas e de longo prazo (M = 1,18; DP 0,77).

Em relação aos traumas na infância, as médias mais elevadas entre os apenados foram para abuso emocional ( $M = 2,1$ ;  $DP = 1,0$ ) e negligência emocional ( $M = 1,8$ ;  $DP = 1,1$ ). No instrumento PBI, com relação às informações referentes aos estilos parentais, observou-se que na caracterização da mãe predominou o Controle afetivo, 40,7% ( $n=11$ ), seguido do Controle sem afeto, 29,6% ( $n=8$ ). Em relação às informações do pai, não ocorreram concentrações expressivas nos estilos observados, sendo que 29,6% ( $n=8$ ) dos apenados referiram Cuidado ótimo do pai, seguido dos estilos Controle afetivo e Controle sem afeto, cada um representando 25,9% ( $n=7$ ) dos casos.

### Relações entre traços de psicopatia e variáveis sociodemográficas

Não foi encontrada correlação significativa do PCL-R com a idade. Os escores de psicopatia também não se mostram associados ao estado civil e à etnia. A escolaridade mostrou-se representativa sobre o PCL-R Fator 2 ( $p=0,005$ ) indicando que a média do Fator 2 entre os apenados com ensino fundamental ( $8,65 \pm 3,68$ ) mostrou-se significativamente mais elevada quando comparada à média dos apenados com ensino médio ou mais ( $5,47 \pm 1,67$ ). O tipo de crime (homicídio ou latrocínio) não foi associado à intensidade dos traços de psicopatia.

Tabela 3

*Média e desvio padrão do PCL-R, segundo as classificações para escolaridade e estado civil*

Instrumentos	Escolaridade				p§	Estado civil				p§
	Fundamental (n=18)		Médio ou mais (n=9)			Casado (n=14)		Solteiro (n=13)		
	Médi a	Desvio padrão	Média	Desvio padrão		Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	
<b>PCL-R</b>										
Fator 1	8,06	2,90	8,67	2,87	0,609	7,50	2,85	9,08	2,72	0,15
Fator 2	<b>8,65</b>	<b>3,68</b>	<b>5,47</b>	<b>1,67</b>	<b>0,005</b>	6,57	2,77	8,68	3,92	0,12
Soma total	19,56	6,38	16,72	4,98	0,250	17,43	4,64	19,88	7,18	0,30

§: teste t-Student para grupos independentes

Tabela 4  
*Média e desvio padrão para os instrumentos PCL-R, PBI e CTQ segundo as classificações para crime*

Instrumentos	Crime				p§
	Homicídio (n=14)		Latrocínio (n=13)		
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	
<b>PCL-R</b>					
Fator 1	7,93	2,50	8,62	3,25	0,542
Fator 2	6,86	2,97	8,37	3,91	0,269
Soma total	17,09	6,09	20,25	5,70	0,178
Escore total	1,83	0,78	1,52	0,64	0,261

§: teste t-Student para grupos independente

### **Relações entre traços de psicopatia, vinculação parental e trauma na infância**

Considerando os escores obtidos nos instrumentos de avaliação do vínculo parental (PBI) e de traumas na infância (CTQ) em relação aos traços de psicopatia apresentados pelos apenados no PCL-R, foi detectada correlação significativa, positiva de grau moderado entre intensidade de traços de psicopatia e o controle da mãe ( $r=0,410$ ;  $p=0,034$ ). As demais dimensões de vínculo parental e os traumas na infância não mostraram associação significativa com traços de psicopatia.

Já no que se refere à correlação entre vínculo parental e traumas na infância dos apenados, verificou-se que o cuidado da mãe mostrou correlação negativa e significativa com abuso emocional ( $r= -0,688$ ;  $p<0,001$ ), abuso físico ( $r= -0,626$ ;  $p<0,001$ ), negligência emocional ( $r=-0,671$ ;  $p<0,001$ ), negligência física ( $r=-0,490$ ;  $p=0,009$ ) e trauma em geral (escore total do CTQ) ( $r=-0,682$ ;  $p<0,001$ ). Também foram encontradas correlações negativas significativas entre cuidado do pai e abuso físico, ( $r=-0,550$ ;  $p=0,005$ ), negligência



emocional, ( $r=-0,442$ ;  $p=0,030$ ), negligência física ( $r=-0,465$ ;  $p=0,022$ ) e trauma em geral (CTQ total) ( $r=-0,482$ ;  $p=0,017$ ). Esses resultados encontram-se na Tabela 5.

Tabela 5

*Análise de correlação de Pearson entre PCL-R e os instrumentos PBI e CTQ*

Instrumentos	PCL-R total (psicopatia)		Correlação com PBI								
			MCuid		MCont		PCuid		PCont		
	R	P	R	P	R	P	R	P	R	P	
<b>PBI</b>											
Cuidado da mãe	-0,358	0,067									
Controle da mãe	<b>0,410*</b>	<b>0,034</b>									
Cuidado do pai	-0,065	0,762									
Controle do pai	-0,156	0,468									
<b>CTQ</b>											
Abuso emocional	0,323	0,100	<b>-,688**</b>	<b>0,000</b>	0,008	0,968	-0,401	0,052	0,191	0,371	
Abuso físico	0,090	0,657	<b>-,626**</b>	<b>0,000</b>	-0,234	0,241	<b>-,550**</b>	<b>0,005</b>	-0,053	0,805	
Abuso sexual	-0,057	0,778	-0,307	0,119	0,048	0,811	-0,177	0,408	0,151	0,482	
Negligência emocional	0,299	0,130	<b>-,671**</b>	<b>0,000</b>	-0,064	0,752	<b>-,442*</b>	<b>0,030</b>	-0,004	0,985	
Negligência física	-0,048	0,813	<b>-,490**</b>	<b>0,009</b>	-0,248	0,213	<b>-,465*</b>	<b>0,022</b>	0,064	0,767	
Escore total	0,179	0,371	<b>-,681**</b>	<b>0,000</b>	-0,115	0,568	<b>-,482*</b>	<b>0,017</b>	0,077	0,720	

\*Correlação significativa a 5%; \*\*Correlação significativa a 1%.

Nota: r: Coeficiente de correlação de Pearson; p: nível de significância, MCuid: cuidado da mãe; MCont: controle da mãe; PCuid: cuidado do pai; PCont: controle do pai

## Discussão

Este estudo teve por objetivo descrever níveis de psicopatia e avaliar a sua relação com os vínculos parentais e a história de abuso/trauma na infância em homicidas apenados em regime fechado no presídio de Passo Fundo – RS. De modo geral, os dados sociodemográficos indicam que a maioria dos criminosos avaliados é de jovens adultos, casados e com ensino fundamental incompleto.

Adotando uma perspectiva dimensional, na qual escores mais elevados no PCL-R indicam mais traços de psicopatia, os resultados encontrados no presente estudo ( $M = 18,6$ ;  $DP = 6,0$ ) indicam uma população menos disfuncional do que a encontrada em quatro amostras de prisioneiros canadenses ( $n = 285$ ): amostra 1 ( $M = 24,32$ ;  $DP = 5,64$ ), amostra 2

( $M = 21,98$ ;  $DP = 6,73$ ), amostra 3 ( $M = 20,37$ ;  $DP = 8,79$ ), amostra 4 ( $M = 21,13$ ;  $DP = 7,20$ ) (Serin, R. C., 1992). Os escores encontrados na presente amostra também são inferiores aos encontrados em prisioneiros norte-americanos ( $M = 22,1$ ;  $DP = 7,9$ ), suecos ( $M = 21,1$ ;  $DP = 9,1$ ) e finlandeses ( $M = 19,5$ ;  $DP = 8,0$ ), mas superior à média encontrada em apenados britânicos ( $M = 16,8$ ;  $DP = 7,5$ ), conforme relatado por Jüriloo et al. (2014).

Ainda que os escores de traços de psicopatia encontrados entre os homicidas avaliados sejam inferiores aos encontrados nos estudos recém-mencionados, é importante lembrar que a psicopatia, como outras condições clínicas, não se apresenta da mesma maneira em diferentes culturas. Os pontos de corte definidos para a Escala Hare de psicopatia no Brasil são inferiores aos norte-americanos, o que dificulta a interpretação dos resultados baseados somente nas médias.

As médias no PCL-R total e em ambos os fatores são mais elevadas nos prisioneiros que cometeram latrocínio em comparação com os demais homicidas, porém essa diferença não foi significativa. Sugere-se em estudos futuros examinar se latrocidas apresentam mais tendências psicopáticas do que os demais criminosos.

Das variáveis sociodemográficas investigadas em relação aos traços de psicopatia, a escolaridade mostrou-se representativa, tendo sido constatada maior intensidade de traços psicopáticos entre os apenados com menor nível de escolaridade. Esse é um dado relevante e que remete ao papel da escola e da educação formal para a consolidação de vínculos sociais e desenvolvimento global da personalidade.

Os homicidas avaliados sofreram diversas adversidades na infância, destacando-se as experiências de abuso emocional ( $M = 2,1$ ;  $DP = 1,0$ ) e negligência emocional ( $M = 1,8$ ;  $DP = 1,1$ ). Esses dados estão em consonância com a literatura que indica a associação entre traumas infantis e conduta homicida (Heide & Solomon, (2006). Por outro lado, a ausência de correlação significativa entre essas experiências e traços de psicopatia, no presente estudo,

contrataria dados da literatura que indicam que o abuso emocional na infância é variável preditora de escores no PCLR em presidiários que cometeram crimes violentos (Schimmenti, Di Carlo, Passanisi, & Caretti, 2015). Presume-se que o tamanho reduzido da presente amostra possa ter contribuído para o resultado.

Com exceção de abuso sexual, os diversos tipos de traumas avaliados mostraram correlação negativa significativa (ou quase significativa, no caso de abuso emocional) com o cuidado da mãe e do pai. Esses achados remetem ao papel protetivo que os cuidados parentais desempenham na vida de um indivíduo e são semelhantes aos dados encontrados no estudo de Kimonis et al. (2013), que indicam que os cuidados maternos estão negativamente associados a todos os tipos de maus tratos, exceto o abuso sexual.

Por fim, foi constatada a associação positiva e significativa entre intensidade de traços de psicopatia e o controle da mãe. Esse resultado está em acordo com os achados de que estilos parentais com alto controle podem levar ao desenvolvimento das características de traços de psicopatia, sendo condutor de comportamentos violentos (Garcia et al., 2012). Resultados de estudo sobre psicopatia em homens e mulheres (Blanchard & Lyons, 2016) sugerem que nos homens o controle da mãe e o apego evitativo são preditores de traços primários de psicopatia (comportamentos manipulativos e cruéis), enquanto que menos cuidado do pai e da mãe predizem traços secundários (comportamentos impulsivos e de risco). A superproteção materna, portanto, parece exercer efeito adverso na estruturação da personalidade, podendo ser um dos múltiplos fatores que predisõem ao desenvolvimento de traços de psicopatia. Não se pode desconsiderar também a hipótese de uma predisposição genética associada à psicopatia. Estudos mostram que fatores genéticos, biológicos e ambientais, tais como experiências negativas precoces, interagem nas situações de conduta violenta (Gauer, 2007). Assim, é possível também que a exacerbação do controle materno constitua uma reação a traços manifestos de impulsividade, agressividade e crueldade

preexistentes, sejam eles determinados geneticamente ou constituídos em reação às experiências traumáticas sofridas, entre outros determinantes. Mais estudos sobre fatores associados a traços psicopáticos em criminosos são necessários para dirimir esta e outras lacunas no conhecimento sobre os fatores individuais relacionados com as condutas antissociais, contribuindo, assim, com subsídios para a prevenção da violência e a reabilitação de apenados.

### **Considerações Finais**

Neste estudo foi investigada a relação entre vínculos parentais e abuso/trauma na infância e traços psicopáticos em homicidas apenados em regime fechado, do sexo masculino. De modo geral, os achados sugerem que homicidas possuem história de múltiplos traumas na infância e que a maior frequência dessas situações adversas está relacionada com menor cuidado e proteção de mãe e pai. A maior intensidade de traços psicopáticos nos homicidas está relacionada com o controle ou superproteção da mãe. Embora esses achados estejam em consonância com outros estudos sobre o tema, se fazem necessários mais pesquisas sobre essa temática com amostra maior que permita aplicação de procedimentos estatísticos mais robustos para examinar o efeito preditivo do controle materno e de outras variáveis sobre a psicopatia. A não inclusão de uma medida de avaliação do estilo de apego dos homicidas é outra limitação deste estudo, já que há indícios na literatura de que o apego é variável mediadora da associação (não encontrada neste estudo) entre traumas na infância e psicopatia.

## Referências

- Aharoni, E., Antonenko, O. & Kiehl, K. A. (2011). Disparities in the moral intuitions of criminal offenders: the role of psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 45, 322-27. doi:10.1016/j.jrp.2011.02.005
- Andrews, D. A., & Bonta, J. (2010). Rehabilitating criminal justice policy and practice. *Psychology, Public Policy and Law*, 16, 39-55. doi:10.1037/a0018362
- Bernstein DP, Ahluvalia T, Pogge D, Handelsman L. (1997). Validity of the childhood trauma questionnaire in an adolescent psychiatric population. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 36, 340–348. doi:10.1097/00004583-199703000-00012
- Blanchard, A., & Lyons, M. (2016). Sex differences between primary and secondary psychopathy, parental bonding, and attachment style. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 10(1), 56.
- Borja, K., Ostrosky, F. (2013). Psychiatry/behavioral science. *J Forensic Sci*, 58(4), July. doi: 10.1111/1556-4029.12104
- Bowlby, J. (1990). Apego e perda. Apego: a natureza do vínculo. 2. ed. São Paulo: *Martins Fontes*.
- Bowlby, J. (1993a). Apego e perda. Separação: angústia e raiva. 2. ed. São Paulo: *Martins Fontes*.
- Bowlby, J. (1993b). Apego e perda. Perda: tristeza e depressão. 2. ed. São Paulo: *Martins Fontes*.
- Campbell, D.T., & Stanley, J.C. (1979). Delineamentos experimentais e quase experimentais de pesquisa. *São Paulo: E.P.U.*

- Cardoso, A. S., Neumann, C., Roiser, J., McCrory, E. & Vinding, E. (2012). Investigating associations between empathy, morality and psychopathic personality traits in the general population. *Personality and Individual Differences*, 52, 67-71. doi:10.1016/j.paid.2011.08.029
- Dolan, M. C., Fullam, R. S. (2010). Moral/conventional transgression distinction and psychopathy in conduct disordered adolescent offenders. *Personality and Individual Differences*, 49, 995-1000. doi:10.1016/j.paid.2010.08.011
- Gallo, A. E., & Williams, L. C. D. A. (2008). A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. *Cadernos de pesquisa*, 38(133), 41-59. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742008000100003>.
- García, C. H., Moral, J., Frías, M., Valdivia, J. A. & Díaz, H. L. (2012). Family and socio-demographic risk factors for psychopathy among prison inmates. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 4(2), 119-34. Retrieved from [http://webs.uvigo.es/sepjf/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=47&Itemid=110&lang=en](http://webs.uvigo.es/sepjf/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=47&Itemid=110&lang=en)
- Gauer, G. C. (2007). Personalidade e conduta violenta. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, 1(2), 45-66.
- Gil, A. C. (2008). Métodos e técnicas de pesquisa social (6th ed.). *São Paulo: Atlas*.
- Global status report on violence prevention. (2014). Retrieved from [http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/145086/1/9789241564793\\_eng.pdf?ua=1&ua=1](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/145086/1/9789241564793_eng.pdf?ua=1&ua=1)
- Grassi-Oliveira, R., Stein, L. M., & Pezzi, J. C. (2006). Tradução e validação de conteúdo da versão em português do Childhood Trauma Questionnaire. *Revista de Saúde Pública*, 40(2), 249-55. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-89102006000200010>

- Grover KE, Carpenter LL, Price LH, Gagne GG, Mello AF, Mello MF, Tyrka AR (2007). The relationship between childhood abuse and adult personality disorder symptoms. *J Pers Disord*, 21:442–447 2
- Hansen, A. L., Waage, L., Eid, J., Helge, J. & Hart, S. (2011). *Scandinavian Journal of Psychology*, 52, 268-276. doi: 10.1111/j.1467-9450.2010.00864.x
- Hare, R. D. (1973). *Psicopatia: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: *Livros Técnicos e Científicos*.
- Hare, R. D. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised*. Toronto, Canada: *Multi Health Systems*.
- Hare, R. D. (1996). Psychopathy and Antisocial Personality Disorder: A Case of Diagnostic Confusion. *Published on Psychiatric Times*. Retrieved from <http://www.psychiatrictimes.com/antisocial-personality-disorder/psychopathy-and-antisocial-personality-disorder-case-diagnostic-confusion>
- Hare, R. D. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist Revised (2. ed.)*. Toronto, Canada: *Multi Health Systems*.
- Hare, R., & Newmann, C. (2007). The PCL-R assessment of psychopathy. Development, structural properties, and new directions. In C. Patrick (Org.), *Handbook of psychopathy* (pp. 58-90). New York: Guilford Press.
- Hare, R. D. (2013). Sem consciência. O mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós. Porto Alegre: *Artmed Editora*.
- Harenski, C. L., Harenski, K. A. & Shane, M. (2010). Aberrant neural processing of moral violations in criminal psychopaths. *Journal of Abnormal Psychology*, 119(4), 863-874. doi: 10.1037/a0020979.

- Hauck, S., Schestatsky, S., Terra, L., Knijnik, L., Sanchez, P., & Ceitlin, L. H. F. (2006). Adaptação transcultural para o português brasileiro do Parental Bonding Instrument (PBI). *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 28, 162-168. Retrieved from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-81082006000200008&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082006000200008&lng=en&tlng=pt). 10.1590/S0101-81082006000200008.
- Heide, K. M., & Solomon, E. P. (2006). Biology, childhood trauma, and murder: Rethinking justice. *International journal of law and psychiatry*, 29(3), 220-233.
- Heider D, Matschinger H, Bernert S et al. (2008). Adverse parenting as a risk factor in the occurrence of anxiety disorders: a study in six European countries. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol*, 43: 266–72. DOI 10.1007/s00127-007-0302-0
- Jüriloo, A., Lauerma, H., Holmalahti, T., Tyni, S., Aarnio, J., Viitanen, P., Wuolijoki, T., Mattila, A., Lintonen, T., Joukamaa, M. & Vartiainen H. (2014). Psychopathic traits in a representative sample of finnish male prisoners. *Nord J Psychiatry*, 68:117-122.
- Kimonis, E. K., Cross, B., Howard, A. & Donoghue, K. (2013). Maternal care, maltreatment and callous-unemotional traits among urban male juvenile offenders. *J Youth Adolescence*, 42:165–177. doi 10.1007/S10964-012-9820-5
- Kolla, N. J., Malcolm, C., Attard, S. & Arenovich, T. et al. (2013). Childhood maltreatment and aggressive behaviour in violent offenders with psychopathy. *Can J Psychiatry*, 58(8), 487-94. Retrieved from [http://www.researchgate.net/publication/256098503\\_Childhood\\_maltreatment\\_and\\_aggressive\\_behaviour\\_in\\_violent\\_offenders\\_with\\_psychopathy](http://www.researchgate.net/publication/256098503_Childhood_maltreatment_and_aggressive_behaviour_in_violent_offenders_with_psychopathy)
- Mapa da Violência. (2014). Retrieved from [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014\\_AtualizacaoHomicidios.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_AtualizacaoHomicidios.pdf)



- Maya K., Krischer, M. K. & Sevecke, K. (2008). Early traumatization and psychopathy in female and male juvenile offenders. *International Journal of Law and Psychiatry*, 253-62. Retrieved from <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160252708000654/pdf?md5=53a711ee341d2b1e3b6b2b482889b1ab&pid=1-s2.0-S0160252708000654-main.pdf>
- Morana, H.C.; Arboleda-Florez, J.; Câmara, F. P. - Identifying the cutoff score for the PCL-R scale (psychopathy checklist-revised) in a Brazilian forensic population. *Forensic Sci Int*, 147 (1): 1-8, 2005. doi:10.1016/j.forsciint.2004.03.019
- Parker, G., Tupling, H., Brown, LB. (1979). A Parental Bonding Instrument. *British Journal of Medical Psychology*, 52, 1-10. doi: 10.1111/j.2044-8341.1979.tb02487.x
- Pérez, B., Rodríguez-Díaz, F. J., Herrero, J. & Fernández-Suárez, A. (2016). Perfil del psicópata institucionalizado sin comportamiento criminal previo a su entrada en prisión. *Terapia Psicológica*, 34 (2), 81-91.
- Pietro, Â. T., Yunes, M. Â. M., Munhoz, D. P., & Foes, V. F. D. L. (2009). Acesso a informação para construção da cidadania: o abuso sexual infantil em debate. *Biblos-Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande*, 23(2), 85-92. Retrieved from <http://www.academia.edu/download/38254829/54e4a1130cf276cec171cb94.pdf>
- Salvador-Silva, R. Vasconcellos, S. J. L., Davoglio, T. R., Gauer, G. J. C., & Kosson, D. (2012). Psicopatia e comportamentos interpessoais em detentos: um estudo correlacional. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 239-245. Recuperado em 02 de dezembro de 2016, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712012000200009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000200009&lng=pt&tlng=pt).

- Seganfredo, A. C. G., Torres, M., Salum, G. A., Blaya, C., Acosta, J., Eizirik, C. L., & Manfro, G. G. (2009). Gender differences in the associations between childhood trauma and parental bonding in panic disorder. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 31(4), 314-321. Epub August 07, 2009. Retrieved from <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462009005000005>
- Schimmenti, A., Di Carlo, G., Passanisi, A., & Caretti, V. (2015). Abuse in childhood and psychopathic traits in a sample of violent offenders. *Psychological trauma: theory, research, practice, and policy*, 7(4), 340.
- Sistema Penitenciário Brasileiro (2012). Retrieved from <http://s3-east1.amazonaws.com/staticsp.atualidadesdodireito.com.br/iab/files/2014/01/LEVANTAMENTO-SISTEMA-PENITENCIA%CC%81RIO-2012.pdf>
- Schimmenti, A., Passanisi, A., Pace U., Manzella, S., Di Carlo, G., & Caretti, V. (2014). The relationship between attachment and psychopathy: a study with a sample of violent offenders. *Current Psychology*, 33(3), 256 -70. Retrieved from <http://link-springer-com.ez101.periodicos.capes.gov.br/content/pdf/10.1007%2Fs12144-014-9211-z.pdf>
- Schmitt, R., Pinto, T. P., Gomes, K. M., Quevedo, J. & Steins, A. (2006). Personalidade psicopática em uma amostra de adolescentes infratores brasileiros. *Rev. Psiq. Clín*, 33(6), 297-303. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832006000600002>
- Serin, R. C. (1992) The clinical application of the psychopathy checklist-revised (PCL-R) in a prison population. *Journal of Clinical Psychology*, 48, 5. Doi: 10.1002/1097-4679(199209)48:5<637::AID-JCLP2270480510>3.0.CO;2-V
- Silveira, J. A., Ferreira, M. O. A. (2005). A formação do apego e suas implicações na construção de vínculos futuros. *Trabalho apresentado ao Familiare Instituto Sistêmico, Florianópolis*. Retrieved from

[http://www.institutofamiliares.com.br/download\\_anexo/juline-aldane-silveira-e-maria-odete-amaral-ferreira.pdf](http://www.institutofamiliares.com.br/download_anexo/juline-aldane-silveira-e-maria-odete-amaral-ferreira.pdf)

Soeiro, Cristina, & Gonçalves, Rui Abrunhosa. (2010). O estado de arte do conceito de psicopatia. *Análise Psicológica*, 28(1), 227-240. Retrieved from [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312010000100016&lng=pt&tlng=p](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000100016&lng=pt&tlng=p).

Superintendência dos Serviços Penitenciários. SUSEPE. (2011, setembro 08) Retrieved from [http://www.susepe.rs.gov.br/upload/1415886653\\_Pres%C3%ADdio%20Regional%20Passo%20Fundo.pdf](http://www.susepe.rs.gov.br/upload/1415886653_Pres%C3%ADdio%20Regional%20Passo%20Fundo.pdf)

Tassy, S., Deruelle, C., Mancini, J., Leistedt, S. & Wicker, B. (2013). High levels of psychopathic traits alters moral choice but not moral judgment. *Frontiers in Human Neuroscience*, 7(229), June. doi:10.3389/fnhum.2013.00229

Wellausen, R. S. & Bandeira, D. R. (2010). O tipo de vínculo entre pais e filhos está associado ao desenvolvimento de comportamento antissocial? *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 44(3), 498-506. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28420658012>

## **Considerações Finais**

Este estudo decorreu do interesse do pesquisador em compreender os aspectos psicológicos subjacentes à psicopatia tendo em vista seu trabalho anterior com a metapsicologia de constituição do superego. O estudo sustentou-se em dados apresentados pela literatura, que demonstram os índices sociodemográficos, de psicopatia e relações de maus tratos e abusos na infância e qualidade de vínculo materno e paterno.

Em conjunto, os resultados apontaram para um conjunto de fatores que levam a criança a uma constituição psíquica moldada pela psicopatia. Esses fatores devem ser mais amplamente estudados e, se possível, não em separado, pois o ser humano é complexo e as pesquisas, ao selecionarem poucas variáveis, restringem também a compreensão do fenômeno da estruturação da psicopatia. Sugerem-se, então, novos estudos multivariados e em maior escala para aprofundamento desta temática.